Arquivo Público de Uberaba

"A memória sendo preservada"

Cadernos de Folclore / Ano I / Nº 03 / Mês - Setembro 1993

História e Tradição em Uberaba

CATIRA

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA
Rua Lauro Borges, 25 - Centro - Fone (034) 312-4315
CEP 38.010-000 - Uberaba-MG

Prefeitura Municipal de Uberaba
Prefeito: Luiz Guaritá Neto

Secretaria de Educação e Cultura
Secretária: Maria de Lourdes de Melo Praes

Arquivo Público de Uberaba
Diretora: Maria Aparecida Rodrigues Manzan

Coordenação de Pesquisa e Publicação
Sonia Maria Fontoura

Pesquisa, Redação e Organização dos textos
Heladir Josefina Saraiva e Silva
Luis Henrique Cellurale
Sonia Maria Fontoura

Revisão de Textos
Maria Leocádia de Sousa Silva

Apoio Técnico
Raquel Blancato
Amábile Beatriz Mendonça
Leonice Alves Teixeira
Aparecida Giovanni Vieira
Maria do Carmo Peracini
Marcos Rosa Nascimento
Flávio Arduini Canassa

Composição, Diagramação e Arte Final
Pagegraph Editoração

Fotolitos e Impressão
Pinti Editora Artes Gráficas

Capa: *Bico de Pena de*
Ovídio Fernandes

Arquivo Público de Uberaba
A79c Catira, história e tradição em
A795c Uberaba.
Uberaba: Arquivo Público de
Uberaba, 1993.
-p. 96

1. Folclore. 2. Festas populares
I. Título.

CDD 398
CDU 394

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Catira

História e Tradição em Uberaba

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Agradecimentos

Aos catireiros, que tanto tempo e tanto de si próprios prazerosamente nos concederam.

A Gilberto Andrade Rezende, pelo material que nos forneceu, pelas informações e comentários valiosos.

Ao professor Carlos Rodrigues Brandão, do Departamento de Ciências Sociais da UNICAMP, pelas sugestões, estímulo e segurança que nos transmitiu, esclarecendo nossas dúvidas. Valeu nossa insistência em procurá-lo!

Em especial a:
Iraídes Tosta Madeira
Marilene Ribeiro Rezende Gonçalves
Antonio Carlos Marques
João Wayne
Mauro Pinto Sombreira
Mário Arruda Mendes
Carlos Marcos Perez Andrade (Cacá)
Olegário Bandeira

E a tantas outras pessoas que teceram de várias formas a teia de uma história que não se fez sozinha.

Equipe de Pesquisa

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

"Fui educado na roça,
No cabo do enxadão
da enxada e do machado.
Aprendi a ser homem e a
cultivar a minha inteligência."

MANOEL TELES DA SILVA

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

A reprodução dos poemas e partituras musicais é expressamente proibido, sem autorização dos autores ou seus descendentes, sob pena de lei.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Sumário

Prefácio 09

Nota Editorial 10

Justificativa 12

Introdução 13

Catira Ontem e Hoje 15

- Origens 17
- Resgatando o Cenário do Passado 20
- De Catireiros e Festas 29
- Retrospectiva 34
- Enfoque sobre as letras do Cabeçalho, Moda e Recortado 44
- Vida Cantada nos Versos do Povo é Vida Catira 59
- Partituras 62
- Viola de Catireiro 66
- A Dança - Coreografias 71
- Considerações Finais 81

Glossário 85

Listagem dos Entrevistados 87

Bibliografia 93

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Prefácio

São muitos e de várias tendências os estudiosos que se dedicam à análise do comportamento e do perfil cultural da sociedade moderna, formada sob a influência dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão. No Brasil, observa-se um quase consenso entre estes estudiosos em relação a pelo menos um ponto, que é a supressão dos valores e características regionais pela difusão exagerada de culturas importadas ou produzidas em nossos maiores centros urbanos.

Hoje, felizmente, as novas gerações recebem inúmeras informações sobre o que se produz culturalmente em várias partes do mundo, mas, infelizmente, pouco ou nada sabem sobre suas próprias origens culturais. Como cidade moderna, ostentando todos os aspectos positivos e negativos do mundo contemporâneo, Uberaba não foge a esta regra. Nossa cultura, porém, tem raízes ricas, profundas e resistentes que mantém vivos valores e características peculiares de nossa sociedade.

Quando divulga o trabalho de grupos de Catira como o de Manoel Teles, Paulo Cury, os Borges e outros, este Caderno não faz apenas uma homenagem, mas promove valores que devem persistir em nossa sociedade, como a espontaneidade, a sinceridade e a solidariedade. O Catira vem de uma época sem televisão ou rádio, quando as pessoas se reuniam para cantar e dançar, expressando aí suas alegrias e tristezas, sua fé e suas experiências.

Nossa administração está imbuída na modernização de nossa sociedade com a preservação de nossos valores mais autênticos. O Catira é um destes valores. Através da Fundação Cultural e do Arquivo Público vamos dar apoio efetivo para que os grupos de Catira possam não apenas sobreviver, mas difundir seu trabalho, mantendo vivo o nosso folclore através das novas e futuras gerações.

Luiz Guaritá Neto
Prefeito Municipal

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Nota Editorial

Quando iniciamos a organização do Arquivo Público de Uberaba, não imaginávamos a dimensão que ele ocuparia dentro da comunidade.

Iniciamos as atividades do Arquivo dentro de uma pequena sala, ocupando espaço junto com a fundação Cultural de Uberaba.

Realizamos um trabalho de "corpo a corpo", visitando famílias, cartórios, arquivos eclesiásticos, visando o recolhimento de documentos e depoimentos orais, para formar nosso acervo. Passamos a recolher a memória do tempo, a memória do trabalho de antigos moradores de Uberaba, através de suas narrativas.

Aos poucos as famílias mais antigas foram se despreendendo de documentos, doando-os ao Arquivo, demonstrando que o acervo histórico de um povo somente será possível com a participação, com gestos pessoais e coletivos.

Se as vozes das testemunhas se dispersarem, se os documentos se destruírem, ficaremos sem guia para percorrermos os caminhos da história. Quem nos conduzirá nos atalhos?

As testemunhas de fatos históricos são de uma riqueza insubstituível.

Ouvindo o relato de experiência dos velhos, percorremos os mais distantes e diferentes lugares de Uberaba. São lembranças que se alicerçam nas pedras da cidade, pois a memória retira sua seiva de lugares e condições inesperadas.

A casa materna, praças, ruas, a eletricidade que chega, lampiões que se apagam, luzes que se acendem; passeios de braços dados em frente ao cinema, saraus na Praça Rui Barbosa, cenas de teatro no Cine São Luiz; o trote dos cavalos, o canto dos carros-de-boi descendo a Rua Artur Machado; o trem de ferro chegando - partindo, sempre lotado; a chegada do zebu da Índia - quanta riqueza!

Carruagens, carroças, carros movidos a gasolina, sons de buzinas, fumaças de chaminés, sinos de Igrejas, cenas e mais cenas aflorando na memória dos antigos moradores.

Assim, através da busca constante fomos construindo o Arquivo Público de Uberaba que é hoje Autarquia Municipal e guardião de uma documentação imensa e preciosa.

Todo este esforço coletivo está sendo coroado com mais este Caderno de Folclore. O terceiro de uma série, criado para rever as manifestações culturais e populares que ainda sobrevivem. Para isto não faltou o apoio da Administração Municipal.

A nossa proposta é criar uma reflexão, resultante destas pesquisas, cujos conhecimentos correm o risco de se perderem e/ou serem engavetados juntamente com a memória de nossa gente.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Através do Catira, percorremos um mundo de alegrias, prazeres, solidão e desventura. As canções dos catireiros armazenam um poço de sabedoria. O canto, a dança e a viola são todos da mesma família: a família caipira.

É difícil imaginar estes homens agarrados no cabo da enxada, trabalhando de sol a sol, mãos calejadas, dedilhando a viola e fazendo de seus pensamentos uma poesia.

E assim encontramos anciãos que nos contaram suas lembranças. São velhas saudades, plantadas nas sementes do Catira.

Ao todo foram entrevistadas quarenta e nove pessoas, entre catireiros, jovens, anciãos das localidades de Delta, Ponte Alta, Peirópolis, Santa Rosa de Lima, Capelinha do Barreiro, Patrimônio dos Poncianos, Baixa, Campo Florido.

Foram percorridos, mais de três mil quilômetros pela equipe de pesquisa do Arquivo. Não houve sábado, domingo ou feriado. Foram cinco meses numa intensa pesquisa: viola, gravador e cadernos debaixo do braço. Assim eram vistos os pesquisadores do Catira.

Viagens cansativas nas "Kombis" de escolares, ônibus, carros próprios, poeira das estradas, fome, cansaço, desânimo e polêmica; tudo isso foi e é enfrentado pela equipe.

É difícil para muitas pessoas reconhecer estas dificuldades, e é muito fácil criticar, destruir todo um trabalho de pesquisa.

No Arquivo todos se envolveram. Há uma comunhão de interesses dos funcionários na realização dos projetos.

Não nos foi possível, no entanto, pesquisar em jornais do século passado, pelas más condições de manuseio dos mesmos e pela falta de microfilmagem.

Não foram poupados nem os ciganos, depositários que são da cultura popular e nômades dentro da própria região. Pudemos observar e avaliar neles o quanto é grande a injustiça social e racial.

Contamos ainda com a valiosa colaboração de professores das Escolas Municipais, Estaduais e Particulares, que preencheram os formulários para os gráficos de conhecimento sobre o catira.

Concluindo, podemos afirmar que o Catira ainda sobrevive no seio de algumas famílias da cidade. O campo é o retrato da solidão, a viola de som plangente cede aos poucos lugar para o som eletrônico. Viola e catireiro fazem parte agora, do Show da cidade.

Onde está a sensibilidade de nossos jovens, para colher a semente plantada pelos velhos catireiros e revivê-la dentro de nossa comunidade?

Esperamos que este trabalho sirva para o resgate de nossas raízes culturais e desperte o interesse para participar da identidade nacional.

Maria Aparecida R. Manzan

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Justificativa

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.

Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz.

Ferreira Gullar.

"Não só ao poeta, mas também a historiadores incumbe recuperar lágrimas e risos, desilusões e esperanças, fracassos e vitórias, frutos de como os sujeitos viveram e pensaram sua própria existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso de forças adversas.

Essa experiência se manifesta sob as mais variadas formas, como valores, como imagens, como sentimentos, como arte, como crença, como trabalho, como tradição. Essas manifestações tornam-se objetivo do historiador através de vestígios e registros que aparecem também sob as mais variadas formas como escritos, objetos, palavras, música, literatura, pintura, arquitetura, fotografia.

Muitas formas de registro da atividade humana foram, durante muito tempo, desprezadas devido a uma postura que não tinha como significativas para a história aquelas manifestações.

O termo registro se refere a uma variedade muito grande de manifestações do ser humano que evidencia a ampliação do foco de atenção do historiador interessado em recuperar a trajetória dos homens vivendo as várias dimensões do Social".

(Maria do Pilar e outras,
A Pesquisa em História,
1989 p. 12 e 13)

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Introdução

"Por trás das preocupações habituais da salvaguarda dos patrimônios, manifesta-se o desejo de valorizar as memórias coletivas das sociedades.

Não se trata de uma nostálgica volta ao passado nem de uma recusa em viver o tempo presente.

Para além dos prazeres obsessivos da salvaguarda dos objetos, surge um movimento de consagração de todos os signos culturais".

Henri Pierre Jeudy,
Mémorias do Social, 1990
p. 01

A citação acima expressa e sintetiza o nosso objetivo neste estudo sobre o Catira, bem como justificativa os procedimentos e critérios que utilizamos na pesquisa e que resultaram nesta publicação do terceiro número de "Cadernos de Folclore".

Nosso compromisso como pesquisadores não está só na preocupação de coletar e recuperar documentos, organizá-los e preservá-los. Mas também gerar pesquisas e produzir sobre os mesmos. É esta visão e perspectiva que nortearam a nossa investigação.

É certo que este trabalho contribuiu para ampliar o acervo documental e sonoro do Arquivo Público de Uberaba sobre a temática. Mas para nós, pesquisadores, o objetivo maior deste projeto é a análise e divulgação deste material: coletâneas de moda de viola de catireiros da região e entrevistas diversas.

Acreditamos que os "silêncios e lacunas" sobre a temática tenham "vida, falem, vençam obstáculos".

Investigamos e estudamos o Catira partindo de alguns pressupostos e de algumas constatações já para nós bem nítidas, como:

Uma realidade cultural que já foi expressiva na nossa região (a sociedade é dinâmica e a cultura reflete esta dinamicidade).

Uma manifestação da cultura popular (estruturada a partir das relações no seio da sociedade).

Uma manifestação do folclore (divulgada pela simpatia popular e que se perpetuou na memória coletiva da nossa cidade).

Para retratarmos esta memória coletiva, recorremos à pesquisa de campo com entrevistas e questionários aplicados nas escolas.

Coleção Mineiriana

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Nas primeiras, centramos nosso interesse em ouvir os catireiros antigos e atuais, estendendo, às vezes, nosso questionamento também às suas respectivas companheiras e outras pessoas da área pesquisada. Isto, precedido de um critério inicial de trabalho que visou à seleção de pessoas a serem entrevistadas e à elaboração do roteiro guia, objetivando um direcionamento no sentido de retratarmos o Catira ontem e hoje.

Nos segundos, para identificar a memória e percepção que os jovens têm dessa manifestação folclórica, recorremos a um questionário (aplicado em 15 escolas particulares e públicas), contemplando um conjunto de perguntas, buscando captar respostas objetivas, e que nos permitiu inferir sobre a extinção progressiva do Catira enquanto manifestação cultural espontânea.

Executados estes mecanismos, priorizarmos a análise das entrevistas que posteriormente procuramos cruzar com a pesquisa documental, observando os documentos que faziam referências ao assunto. Para tal, pesquisamos:

- Lavoura e Comércio entre 1900 a 1910 e após 1930;
- Almanaque Uberabense de 1903, 1904, 1909 e 1910;
- Processos do Cartório do Crime do Século XIX;
- Jornal da Manhã a partir da década de 60;
- Documentação do Arquivo Público Mineiro;
- Acervo do Dr. Edelweiss Teixeira.

Os procedimentos pensados e viabilizados tinham como fio condutor e objetivo maior, a compreensão dessa manifestação folclórica, refletida e dimensionada dentro do contexto em que existiu.

Coletamos pedaços da alma dos catireiros que ainda existem espalhados em Campo Florido, Distrito do Patrimônio dos Poncianos no Município de Conceição das Alagoas, Uberaba e Distritos (área da pesquisa). Surpreendeu-nos a constatação de que o ato da oralidade, nem sempre muito seguro (o que constitui um desafio da história oral), assim não se caracterizou. O processo de rememorização espontânea dos entrevistados, a fluência da memória estiveram sempre presentes. Muito, ainda resiste, boiando à tona das memórias anciãs: Sr. Amélio, Sr. Santinho, Sinhô Borges, Dona Sinhá...

Nesta produção procuramos registrar a linguagem comum, como colhemos diretamente, reproduzindo os fonemas o mais exatamente possível. As falas aparecem seguidas de um número que corresponde ao nome do entrevistado, relacionado na "Listagem de Entrevistados".

Estamos cientes de que o assunto não está esgotado. Mas acreditamos que a nossa abordagem contribuiu para alargar o horizonte que a memória presente nos oferece e sugere do passado. Acreditamos também, que este trabalho favorece o rendimensionamento da memória histórica, até aqui produzida sobre o assunto em nossa comunidade.

Ao final estão reunidas, no Glossário, palavras e expressões cujo significado, às vezes regional, é de fundamental importância para uma boa compreensão do texto.

Equipe de pesquisa.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Catira: ontem e hoje

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Origens

Senhor Manoel Teles, catireiro por tradição de família, nos contou que o Catira "*envém desde o princípio do mundo*".

Sinhô e Vilmondes, da família Borges que são catireiros por tradição, acreditam que o Catira é herança indígena.

O grande folclorista, Câmara Cascudo, não se aventura a afirmar sua origem, mas cita Couto de Magalhães, contando que Pe. Anchieta teria incluído esta dança nas festas de Santa Cruz, São Gonçalo, Espírito Santo, São João e Nossa Senhora da Conceição, compondo versos no seu rítmo e solfa dizendo-a profundamente honesta. (Dicionário do Folclore Brasileiro).

Reforçando a origem indígena, encontramos referência de Saint Hilaire, em sua viagem à Província de Goiás, próximo a Santana (atual Indianópolis), no Triângulo Mineiro, 1819:

"Quando alí cheguei era dia de festa. Um de seus moradores tinha acabado de derrubar um trecho da mata, o qual, depois de queimado, iria servir para fazer uma roça. Todos os lavradores pedem ajuda dos vizinhos para esse tipo de serviço e em seguida lhes oferecem um repasto, com muita cachaça, o qual termina sempre com danças e batuques. Os índios dançaram a noite inteira, cantando e batendo palmas para marcar o compasso, o que sem dúvida os divertia muito, mas que aos ouvidos de um europeu parecia mais apropriado a um enterro do que uma festa".

Câmara Cascudo cita ainda: Stradelli, que acredita que o Catira ou Catiretê seja indígena. Ezequiel que o vê como uma dança portuguesa do século XVI chamada Carretera, e até, Artur Ramos que o vê africano. Mas o grande mestre não se autoriza a afirmar de onde ele veio. Por isso, concluímos com o Sr. Manoel Teles, até que novas pesquisas permitam maior crença: "*envém desde o princípio do mundo*"; ao menos como uma manifestação cultural, fruto do desenrolar do processo de um modo de vida, com suas projeções, significados e compreensão próprias.

As notícias mais antigas do Catira na região são referências dos catireiros mais velhos, que nos remetem há mais de um século. O Jornal Lavoura e Comércio publica um artigo, "Catyra nas Tabocas", em 31 de agosto de 1902, com descrição de uma festa em que está presente um violeiro que "empunhando a viola, dedilhava-a e soltava a voz numa toada chorosa". A descrição do fato não corresponde à uma função de Catira; embora tenha viola, toada e sapateado, tem também umbigada e desafios. Mas o autor do artigo chama a dança descrita de "Catyra". Catira denominava também qualquer festa ou fuzuê*. Outro artigo, de Henrique Silva, em 14 de setembro de 1905, do mesmo jornal, intitulado "Folk-lore do Brasil Central", ressalta os desafios, como gênero popular e o valor da viola mineira de Queluz, "mágico instrumento musical" onde "reside o encanto inigualável, a denguice indizível dos "ponteados", dos batuques e

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

cateretês de Minas, Goyas e Mato Grosso", e nos dá um exemplo de um verso de "cateretê de Minas":

"Vinde cá minha bem feita
Cinturinha de mesura,
Corpinho de fita lavada
Boquinha de pêra madura".

No Dicionário Folclórico de Câmara Cascudo, encontramos o nome Catira como sinônimo de Cateretê. Os mais velhos entrevistados usam a palavra Catiretê e afirmam que era usual esta forma. A palavra Catira também designa troca. "Catira é breganhá o objeto. Eu fiz Catira com o fulano"[7].

Quanto à introdução da dança na região, rastreamos dois prováveis caminhos de entrada: 1 - Com as correntes de ocupação do município de Uberaba, vindos da região de Desemboque e Araxá.

Senhor Abrão, morador de Peirópolis com 89 anos, aprendeu a dançar com o pai, violeiro, compositor, vindo de Tapira (município de Araxá...).

Alguns antigos moradores de Ponte Alta e Delta também vieram desta região e são de família catireira.

2 - Da região que abrange, Barretos, Olímpia, Miguelópolis, no Estado de São Paulo.

A constatação ou não destas hipóteses e novos estudos sobre sua origem será motivo de um próximo trabalho do Arquivo Público de Uberaba.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Mapa do Município de Uberaba

Resgatando o Cenário do Passado

"Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas-passadas de fazer balancê, de se mexerem dos lugares...

São tantas horas, de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo muito miúdo, recruzado".

João Guimarães Rosa.
Grande Sertão: Veredas
1978 : 115

"(...) Nessa ocasião, no tempo do avô dos nossos avós, as casas eram de pau-a-pique*". Eles faziam "aquelas casas, cortavam a madeira no mato"[2]. Se "era um ranchinho, fincava (...) quarquer furquia*. Quatro, uma no meio (...) as teia de foia de indaiá, foia de murici, capim. Capim de jaraguá, juntava paia de arroz... Dava barbeiro demais. Era raro achar uma casa de teia. O dia que fazia calor tinha que sair lá p'rá fora, a gente chegava até suá debaixo, assim..."[6]. A inexistência de materiais de alvenaria não era dificuldade só dos pobres, mas correspondia às dificuldades da região. "Fazenda não tinha tijolo, não tinha! Não existia olaria, não existia nada, só pau-a-pique barreada com barro"[2]. Em algum lugar aparecia "uma casa daquelas antigas de suaio"[10] "com baldrame alto de telha comum"[23].

O chão de terra batida "(...) às vezes arranjavam lá uma casa daquelas antigas de suaio"[10].

Eram assim as casas da zona rural, do início deste século, e muitas ainda conservam esta forma, como: nos arraiais de Peirópolis, Capelinha, Santa Rosa

Igreja de São Sebastião, Delta

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Igreja do Menino Jesus, Patrimônio dos Poncianos

de Lima, Patrimônio dos Poncianos, Distritos da Baixa, Delta e Ponte Alta. Esta descrição também poderia ser a de grande parte das casas de Uberaba do século passado, "de indaiá não cobre mais, porque sumiu. Acabô junto com o serrado"[11].

"Meu avô era muito rico, ele tinha muito! Naquele tempo ele tinha uma fazenda muito grande e tinha muito dinheiro, eles contava, porque nesse tempo eu... nem nascido, eu não era. Diz que ele picava o fumo e enrolava numa nota dessas de um cruzeiro, tinha essas nota de dez... de um cruzero, destão*, né? Enrolava o fumo e fumava (...)"[2]. A fazenda "era terra de cultura, tocava lavora, tinha muita terra, mas, num dava movimento não, diz que não movimentava não. Tinha gado, mas era gado mestiço, assim, não é esses gado de hoje"[2].

As distâncias eram imensas. Para o transporte da produção "tinha carguero"[6]. "O carro que tinha era só carro de boi"[15]. "As veiz saía daqui, levava dois dia pra chegá no Beraba. Posava no mei do caminho, na fazenda Aramina, aí acabava de chegar nas imediações"[6]. Isso acontecia na capelinha do Barreiro, onde as condições eram semelhantes às de Patrimônio dos Poncianos e Dores de Campo Formoso. Se estas distâncias dificultavam a vida nestes povoados, o mesmo não ocorria nos Distritos de Delta, Nova Ponte e Peirópolis. É que o trem de ferro, com providenciais ramais, supriam as necessidades destes locais. "Vendia no comércio, vendia sempre em Conquista, vendia prá maquinistas ou levava prá Estação da Mogiana prá despachar prá Uberaba"[10].

Havia sempre muitas pessoas trabalhando nas fazendas. Meeiros, agregados e colonos engrossavam a população rural.

"O fazendeiro derrubava o mato e quemava tudo. Plantava, a gente ajudava ele a plantá"[15]. "E dava a meio pro povo tocá, né? E era, essa gente que fazia festa, que tinha muita gente, né? Onde tem gente, tem o baruio"[6].

Os instrumentos de trabalho eram rudimentares. A população rural superava a população urbana. A produção ultrapassava as necessidades. Não havia desemprego antes da mecanização do campo e da industrialização chegar às cidades. "Bom era na época do Melanias (na Baixa) com mais de 20 empregados. Eles plantava muito. Era com boi puxando arado. Os primeiros eram sem disco. Um bico sulcando a terra, arado de bico de pato"[10]. Depois

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

vieram os arados com disco. "Punha uns quatro boi aí adiente; o arado de um disquinho só, ia prá lá, vinha prá cá e fazia muita roça. Era o Chatanoga*"[17].

"Tinha muito empregado e muita fartura"[10]. "Tulha* cheia de arroz, de feijão, milho no paiol. Toda casa era aquele farturão doido"[20]. "Tinha... tinha muito, mas não tinha pra quem vendê!"[21]. "Plantava muito... em 1907 nóis começô a plantá arroiz porque num tinha"[18]. A alimentação era diferente. "(...) Era...era quejo, mio, mandioca. Carne, quando matava arguma galinha. Os fazendero matava vaca, né? Que elas tava gorda mesmo... então partia. Dava um pedaço prá um, prá outros. Ah! num tinha esse negócio de salário"[18].

Os meeiros, agregados, colonos, empregados, empreiteiros, usavam as benfeitorias das fazendas (açudes e algumas raras máquinas rústicas; trapizongas*, carneiros*, monjolos*, engenhos e moinhos de fubá). Era comum encontrar ferraria e carpintaria para manutenção e fabricação de carro-de-boi.

"A hora que o galo canta
vesperando o amanhecer
a gente também levanta
E procura o que fazer
na roça tudo se planta
tem fartura prá comer
Bom almoço, boa janta
E sossego prá viver".

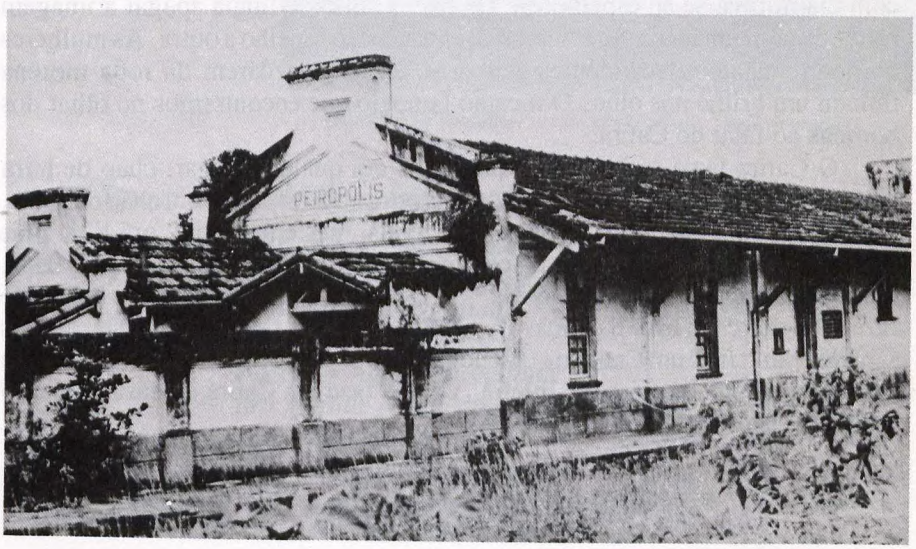
Manuel Rodrigues da Cunha,
Gosto da Roça.

"Trabalho era muito. Mas todo sábado tinha diversão, motirão, *tinha motirão, tinha enxada, juntava 60, 70, 80 homens, capinava as lavoura, almoçava, tomava café ao mei dia, a merenda às treis hora da tarde, à noite era o baile. Agora, alí tinha o suaré* numa sala; tinha o Catira n'otra. Era divertido naquele tempo. Mas o povo naquele tempo, era um povo muito bão, tudo trabalhadô. Mas brigava, era pirigoso, sempre matava argum. É!... matava. Lá prá cima do Rio Beraba, lá na Santa Rosa de Lima, tinha um cruzero lá (...) que tinha muito mais de 100 cruz. Eles matava

Cruzeiro do Arraial da Capelinha do Barreiro

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

e interrava lá. Naquele tempo não trazia pro Beraba não, pro cemitério, não. Matava e interrava lá mesmo"[2]. "Traição tinha demais. Eu mesmo, numa veiz, meu pai tava com uma roça de pasto prá roçá. Aí eu cumbinei com ele, eu mesmo dá nele uma traição*. Ele tava sabeno. Nóis arrumô tudo escondido e eu fiz aquilo. Chamei o povo, nóis foi lá e acabô tudo num dia, né? E ele tava sabeno. Mas pro povo ele ainda não sabia de nada. Mas cá no oculto, nóis combinô tudo. Foi uma beleza! E depois dancemo, uai! o sirviço foi n'uma sexta"[6]. Trabalhava-se muito durante os mutirões, "fazia de tudo: uns tocano lavora, uns tá consertano, otros tá fazendo roça, otros tá rancano toco... usava arado, machado, enxada, foice, enxadão"[12].



Estação de Peirópolis

"(...) quando foi no sábado nóis dançô a noite intera. Nessa traição, lá uns dançava Catira, otros dançava baile, otros jogava truque, tinha o jogo 31 também, a noite inteirinha! O truque, esse era uma gritaiada feia a noite intera!"[6]. O suaré se fazia na tolda. "(...) Tolda faiz uns pau, finca lá no chão, marra umas travessas, bota a lona em cima e pronto. Põe uns banco assim, lá na berada, enrola um pouco, e o resto fica em pé. Os meninos é dormi nas cama da casa"[17]. "Levava uma sanfona prá lá, dançava, né? As muié tamém ia" e "dançava quadria, mazurca, valsas, ranchera, varseado, marcha"[6]. A quadrilha dançada, não era a atual, a de festa junina, mas quadrilha de 5 partes. "Tango, samba, bolero"[19]. "Miudinho, dança do cordão, roda morena"[11]. "Dinoé"[23]. "Chote, valencia, lundum"[30]. "A casa do fazendero dava pra fazê Catira, pagode, viola, sanfona"[15].

Esta disposição para o divertimento já fora notada, em 1817, por Saint-Hilaire em sua passagem pela Província de Minas Gerais. "Alí como em vários lugares, não se vê ninguém, não se ouve o menor ruído enquanto é dia. Mal,

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

porém, o sol se põe, tudo se anima; sai-se do torpor em que se ficou mergulhado durante o dia; conversa-se, passeia-se, toca-se violão, canta-se, dança-se batuques. Até uma hora da manhã, ou mais tarde, quem deseja dormir é perturbado por essas intermináveis conversações que se fazem na rua ou na soleira das portas, pelas palmas dos dançadores (...). Ao nascer o sol, todos estão de pé, e trabalham; (...)".

A dança da roda morena fazia sucesso com os mais jovens e o Catira entre os homens casados e mais velhos. Muitas brincadeiras corriam no suaré, como: lenço no ombro do par com quem se queria dançar, brincadeira do espelho: a moça ficava sentada com um espelho no colo. O cavalheiro que queria dançar com ela mirava-se ao espelho. Se ela não o quisesse fingia apagar a imagem refletida com um lenço. Se o aceitava, entregava o espelho a outra. As mulheres que entrevistamos, sorridentes senhoras, ao se recordarem da roda morena tinham um brilho nos olhos.O mesmo lampejo que encontramos no olhar dos homens ao falar do Catira.

O Catira fazia-se à parte. Dançava-se em qualquer lugar: chão de terra batida ou salão com assoalho de madeira, "porque Catira é bão em chão de suaio, chamava, nóis vinha"[10]. " Sempre na fazenda, mas era prá qui, prá li, ia prás fazenda, ia prás roça... fazia uma festinha lá e ali e começava. Ia a pé prás festa, numas quatro, cinco, seis pessoas..."[12]. "De primeiro não tinha essas coisas de fazê tudo marcado não. E dançava"[11]. "As veis não era através de festa, às veis sábado, vamo fazê um Catira na fazenda do amigo lá, tal dia? Ia pra lá os violeiro e cantava e batia o pé a noite inteira. Vamos fazê um Catira na casa do nosso amigo? E ia todo mundo prá lá"[13].

"Se cuida na obrigação
Ainda anda muito atoa
Nos dias de mutirão
Trabalha, ri e cassoa
Tem na mata bicho "bão"
E tem janta muito boa
Na mais bonita união
De cento e muitas pessoa".

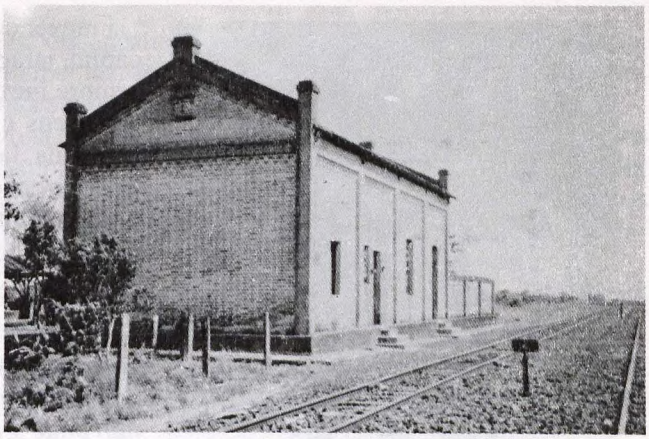
Manuel Rodrigues da Cunha
Gosto da Roça (Moda).

Pelo que pudemos constatar, o quadro que descrevemos acima era comum na nossa região até por volta de 1940. Fatos novos passaram a ocorrer nesta década provocando mudanças que aceleram-se a partir das décadas de 1950 e 1960. A industrialização das cidades, a mecanização do campo, o êxodo rural, os meios de comunicação e os novos objetos de consumo, modificaram drasticamente e sem retorno os hábitos e o comportamento das pessoas.

As transformações ocorreram rapidamente, tanto quanto foi rápida a passagem da era do trem de ferro para a era do automóvel. A acumulação de capital acelerou-se e a divisão do trabalho fez acentuar a exploração. Nesse cenário, a cultura popular e dentro dela as manifestações folclóricas que

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

permaneciam desde o século anterior, sofreram mutações. A visão idílica do modo anterior de vida declinou e correspondente ao novo processo, novas criações mensageiam o sentir dos Catireiros.



Estação de Rodolfo Paixão, em Uberaba (hoje demolida)

E Manuelzinho Rodrigues mudou seu "atrovo".

"Levanto de madrugada
junto com meu companheiro
com minha serra afiada
vou serrar o dia inteiro.
Fazendo minha empreitada
prá ganhar pouco dinheiro
não sobra quase nada
nunca passo de um roceiro".

Manuel Rodrigues da Cunha
Despedida de Serrador

Os meeiros, agregados, empregados, empreiteiros foram escasseando, tornando-se raros. Com eles o Catira mudou-se para a cidade e continuou "dança de quem gosta". Tornou-se também dança-espetáculo para público, "para-folclórica", denominação dada por alguns estudiosos.

O meio rural ficou desolado: no Arraial da Capelinha "tinha mais gente morando. Tinha, uai! Nessas fazenda mesmo, isso aí tinha colônia de casa de um lado e d'otro, agora não, vê só um vaquero e mais um por acaso, se tiver... que tinha muita gente. Prá onde foi? Uai, tudo pro Beraba, né? Sumiram tudo, pelo menos nessas fazendas aí tinha muita gente morano, a senhora, num acha um! Só vaquero mesmo, e cabô! (...) Nessas terra agora tem pouca cultura"[18]. "Um pedacinho só pro gasto, o resto é gado"[6].

Na Baixa o mesmo fato ocorreu: "As terra é boa de cultura. Hoje não planta mais. A fazenda dos Melanias foi vendida prós Borges, que fizeram capinera"[17]. Em campo Florido, ex-Dores de Campo Formoso*, o senhor Amélio contou que "a fazenda, hoje parô... foi...foi acabano, foi minguano tudo. Hoje tem empregado tamém, mas já diferençô... Tem muita gente de fora, tem mais é quase gente de fora"[17]. As fazendas foram "retalhando" passando para os filhos que

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

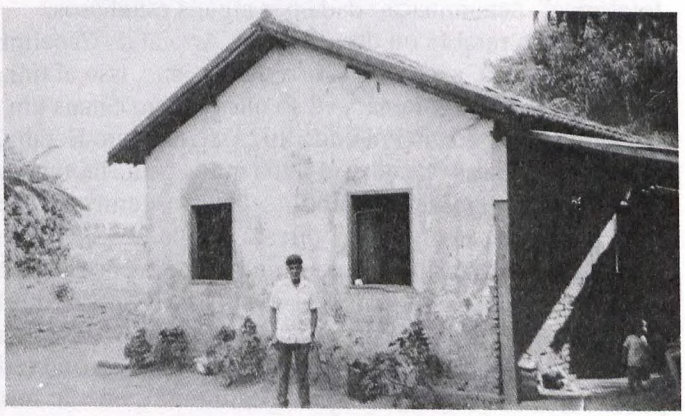
Pedro Paulino, Delta

"ia mexer com otras coisa, plantava capim, jaraguá do mato, essas coisa, sempre mexendo com capim"[17]. As pastagens e a soja então, tomaram conta da lavoura em algumas regiões, e em outras, como a de Delta, a área de cultura de arroz, foi ocupada pela cana-de-açúcar.

"... o pobre é que mais trabalha
não descansa, não sossega
morando em fazenda alheia
não pode ter liberdade.
Tem que trabalhar a meia
contentar com a metade
Leva uma vida tão feia
na baixa sociedade".

Manuel Rodrigues da Cunha,
Vida do lavrador
(Recortado)

Na cidade, os egressos da Zona rural foram progressivamente ocupando as periferias. Tornaram-se pedreiros, leiteiros, mestres de obras, serventes de pedreiro, varredores de ruas, turmas de capinadores da prefeitura, ajudantes de feira, carroceiros, chapas de caminhões, bóias-frias, empreiteiros que morando na cidade faziam "empreitas" nas fazendas. Toda uma gama de trabalhadores braçais. Aspectos do ambiente rural mudaram-se para a cidade, que em alguns pontos ganhou ares de zona rural. Esta atmosfera ainda persiste nas casas de muitos catireiros. Pequeninas chácaras com mangueiras nos quintais, hortas com verduras, patchuli, losna,



Olavo Alves de Souza (Olavinho) e sua casa

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

sálvia, galinhas. Dálias, crisandálias, onze horas, bom-dia, viúva-regateira, cravínias, cerca de leiteiras nos jardins. As casas antigas, de portais largos, esteios de arueira, grandes telhas comuns.

Os migrantes da zona rural passaram a se reunir para funções de Catira, nos bailes de tolda, que existiram até a década de 60. Hoje, poucos ainda cultivam o Catira. Reúnem-se nas casas dos próprios catireiros ou quando convidados para apresentações em algumas fazendas, chácaras, Casa do Folclore e encontros em outras cidades.

As danças folclóricas vêm declinando e desaparecendo, provavelmente desde 1950. Encontramos nos arquivos do Dr. Edelweiss Teixeira uma listagem das danças que foram apresentadas durante as Semanas do Folclore, (Ver pág.40) e que possivelmente faziam parte das festas rurais nas décadas anteriores:

Catira	Candeeiro
Chote de 2, 3 e 4	Palminha
Mazurca de palma e 2 passos	Plantá feijão
Trocadinho	Limão-Limãozinho
Ponta e pé	Pica-pau
Sambinhas e Batuquinhos	Crochê
Roda Morena	Piranha
Ciranda	Vilão de lenço (noé)
Cana Verde	Engenho Novo
Rodô meu anjo	Engenho de Maromba
É redondo, Sinhá	Recortado
Taquaral	Carangueijo

Constatamos como sendo danças da área delimitada para a pesquisa:

Catira
Lundum: liso, de faca, de vara, de garrafa.
Quadrilha
Chote
Mazurca
Samba
Roda Morena - Arraial da Capelinha
Ponte Alta
Delta
Patrimônio dos Poncianos
Engenho Novo
Vilão de lenço, denominado "di noé" em Ponte Alta e Delta.
Piranha - Patrimônio dos Poncianos
Cana Verde - Uberaba
Peirópolis

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

e ainda outras danças citadas pelos entrevistados, não listados pelo Dr. Edelweiss Teixeira:

Vilão de vara - Delta e Peirópolis Vilão de vara e facão - Delta Valência - Uberaba e Patrimônio dos Poncianos

Obs.: Onde não citamos os locais é porque as danças eram comuns e/ou tradicionais nas demais regiões pesquisadas.

A este respeito, afirma o antropólogo social Carlos Rodrigues Brandão (que se dedica à pesquisa da Cultura popular, pela UNICAMP), que o desaparecimento de fatos folclóricos é um fenômeno universal. Nenhum povo escapa da massificação imposta pela industrialização. Faz parte da dinâmica da cultura a transformação e mesmo o desaparecimento de fatos folclóricos. É a este desaparecimento que estamos assistindo.

O Catira tem sofrido algumas transformações numa tentativa de sobrevivência.

Como outras manifestações folclóricas, o Catira é fruto de um modo de vida do meio rural que tem formas próprias de sentir, refletir, de representar as coisas da vida, da organização social; tem seu jeito de trocar entre pessoas, bens, serviços e símbolos; "de criar e fazer segundo as regras e os costumes da sabedoria tradicional que as pessoas seguem com raras dúvidas", no dizer de José Luiz dos Santos. Situações, relações, representações e objetos atuais e, no entanto, vindos de uma tradição perdida no tempo, um tempo muito, muito antigo, do começo do mundo, cheio de fartura, amizade, conforto. Um tempo que gerou as alegrias deste mundo, onde os sonhos dos catireiros se realizavam.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

De Catireiros e Festas...

"Tenho lembranças. Tô cansado,
tem coisa que a gente esquece".

Santinho Larum.
Palmeiro.

"O Catira é uma história"

Claudionor Silveira
Violeiro

A tradição familiar é uma realidade no Catira, afirmam os mais velhos: "Nóis reunia a famía e dançava"[3].

A aprendizagem dos catireiros vem da infância, e na maioria das vezes, aprenderam acompanhando os adultos. Viam a dança com encantamento: "a gente ficava com os zói arregalado, a gente era moleque"[3]. "Eu, por exemplo, aprendi menino. Cinco anos já tocava viola. Não aprendi com ninguém"[5]. E isto vem de um tempo muito antigo. Dona Isautina, mulher de seu Santinho, conta que ele aprendeu "com pessoa mais véia, que não é do tempo da gente". Outros iniciaram com seus pais, que receberam o conhecimento catireiro de seus avós. Inclua-se nesse aprendizado o dançar, o cantar e o tocar a viola. "Aprendi afiná, aprendi tocá uns pouquinho assim, mas sem ninguém ensiná"[4]. "Aprendi de natureza, por gostar e resolvi dedicar a vida, sempre melhorando"[8]. "Aprendi menino com os cigano véio"[25].

E não era difícil aprender o Catira. As informações que colhemos datam desde o século passado e nos confirmam que era uma dança muito popular em todo o município. "Uberaba era a terra do Catira. Eu via desde menino, porque Ponte Arta, essa terra aqui pro lado de Santa Rosa, de Uberaba, essa meeira toda é tudo catireiro. Papai não dançava, mas assistia"[10]. E assim era. Quem não dançava assistia, mesmo dividindo com as outras atrações das festas. "Agora, Catira eu gostava demais. Desde novo"[10]. "É bão dimais"[11].

Prá quem vive na cidade
Não tem a vida agitada
Sua casa é uma paioça
Lá no fim duma picada
Nas noite de lua cheia
Sua casa iluminada
Na sua viola ponteia
Com suas mão calejada.

José Criolo

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Casa de José Correia (Zé Criolo), Bairro Estados Unidos

E os catireiros, como são? Assim eles se definem: "Sô trabaiadô de serviço braçali, de tudo. Machado, inxada, foice, furá cisterna, isso tudo eu já fiz"[6]. "Fiz oito meses de escola"[18]. "Sei lê e escrevê. Sô muito ruim das letra, mais cantava as minha toada"[12]. Seu Manoel Teles diz com orgulho: "Fui educado na roça, no cabo da enxada e do machado. Aprendi a ser homem e a cultivar a minha inteligência"[2].

Eram e são assim os catireiros: com senso de humor são disponíveis, trabalhadores, lúcidos, solidários e galanteadores. Isto provavelmente porque desenvolvem a criatividade e a alegria. Estas coisas simples, próprias da humanidade. Além disso, no Catira não cabe discriminação. Todos podem participar: mulheres, meninos, patrões, empregados, ciganos. Só tem uma condição: saber. "Entra qualquer um, não tem luxo"[1]. Mas "(...) fazendeiros era poucos, mais era tudo gente pobre iguali a gente"[9]. Sinhô Borges conta que seu pai, o fazendeiro Otaviano Borges, conheceu o Catira na fazenda do pai dele, através da tradição dos empregados. "O Catira que os Borges sabe foi criado pelos pobres. Orozimbo Fabiano era peão de meu pai. Manuelzinho Rodrigues trabalhou para meu tio Natal Borges"[1]. A grande maioria dos catireiros, trabalhadores braçais ou pequenos sitiantes, são místicos. Saem nas Folias de Reis e ainda acumulam as funções de benzedores (ou sacerdotes do povo). "Fui capitão de Folia de Santo Reis sessenta e sete anos"[8].

"Eu só penso moreninha
É nessa sua elegança
Por te achar bonitinha
Eu te trago na lembrança
A saudade me definha
Me dê ao menos uma esperança
Se pretende de ser minha
Não me faça mais vingança
Dê um jeito e me carinha".

Manuel Rodrigues
Gostei de Você

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

E onde ficavam as mulheres? Muitas longe, ou se perto eram proibidas de chegar na sala do Catira. Dona Maria de Souza, goiana, conta que gostava muito do Catira, mas sua mãe a proibia de assitir a fonção*. Ouvimos poucos relatos de proibição.

Dona Ana Cristina, do Patrimônio dos Poncianos, era proibida pelo seu pai, catireiro, de assistir o Catira, mas dançava nos bailes, sempre na companhia da mãe. Dona Dorvalina, de Delta, nunca dançou, o pai, italiano, não deixava.

Embora as mulheres participassem, essa era mais uma dança de homens, predominando adultos, casados.

"Minhas avó era catireira. A minha vó Lucinda, chamava Maria Lucinda, era catireira. Dançava na sala, batia parma, sapatiava; (...) minha avó, mãe de minha mãe, dançava também... tinha a Maria Bárbara, Maria Rufina (...) esse povo tudo era catireiro, essa famía era tudo Gomes (...) misturado com os Teles. Elas dançava mas era diferente de hoje (...) aqueles saião rastando no chão, num era igual hoje; hoje as mulher dança é de short, né? Calça ustope e tudo, né? Eu falo, nunca vi... mas naquela época eu num era nem nascido, mas eles contavam"[5].

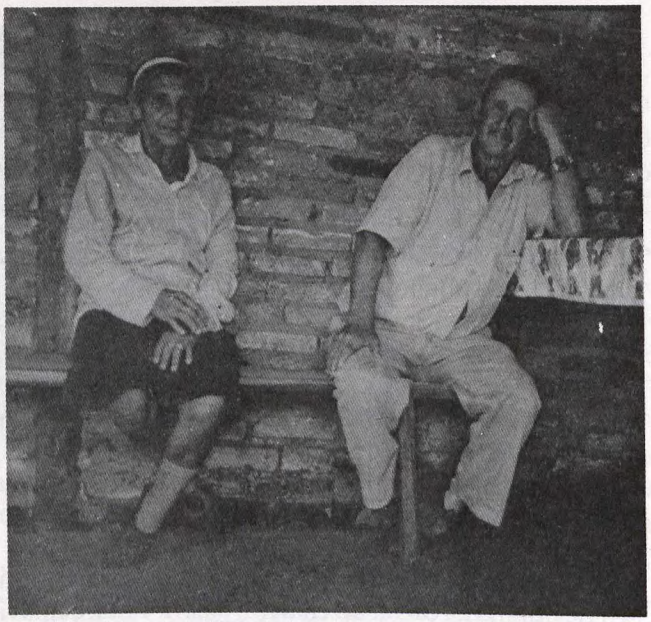
Dona Luzia, do Distrito da Baixa, catireira de coração, nos conta que, "meu avô Belarmino da Silva, fazendeiro, tocava viola, cantava e dançava Catira com as minhas tia". Ela era menina e lembra das tias dançarem. Por isso, concluímos que as mulheres dançavam, e muito, principalmente em suas próprias casas. O mais provável é que com o êxodo rural e o consequente declínio das festas e mutirões, tal como os homens, elas tenham deixado de dançar.

Narciso Antônio de Oliveira e esposa Ambrosina Rocha de Oliveira, Arraial da Capelinha do Barreiro

As solteiras, como os moços mais jovens preferiam os bailes, indo na sala do Catira ou no canto da tolda, reservada para o Catira, apenas apreciar: "porque o baile sempre era miorzinho um pouco, né? Porque alí tava mais acompanhado, mió né?"[6]. Entra a questão do gosto, da escolha, muitos preferiam nos bailes a roda-morena, principalmente as mulheres. Quando o Catiretê entrou em declínio e a dança passou a ser cultivada por grupos, prolongando a tradição, é que parece ser mais rara a participação da mulher.

"Tinha umas muié de idade, quando fazia Catira, elas pulava lá também duma banda. É, as muié dum lado e do outro lado é os home e pulava os Catira,

sapateava... Dançava no chão, nas festa de Santos Reis, festa de São João, São Pedro, dançava nas torda"...[29].



Joaquim Rodrigues da Costa (Juca Juá), Campo Florido

"Uma tia minha cantava, nóis entrava e ajudava ela cantá, e nóis dançava o Catira, as muié junto com os home. Tinha muito catireiro, sempre era oito, doze prá separá, prá dançá, eu era sortera nesse tempo, eu tinha 22 ano, hoje tô com 80, eu não sei a era mais"[30]. Isto ocorria no Patrimônio dos Poncianos há 62 anos atrás. João Couto nos dá conta que em Campo Florido de 30 anos, "era muito difícil, argumas que dançavam era muito pouco, tinha umas que sabiam". Mas na família de Juca Juá "uma subrinha, fia do meu irmão, era tudo cantadô de moda. Tinha umas pretinha criada com nóis, tudo dançava Catira".

Ainda hoje, os catireiros sobreviventes em Uberaba ensinam seu saber às suas filhas. As de Paulinho Cury dançam em algumas apresentações. Maria de Fátima, sua filha mais velha, chegou a dar aulas de Catira na Escola Agrotécnica e no Circo do Povo. As filhas enteadas de Manoel Teles " dançam quando falta algum parmeiro"[2]. Exceção é o Catira da família Borges que as mulheres "não dançam, mas apoiam"[1].

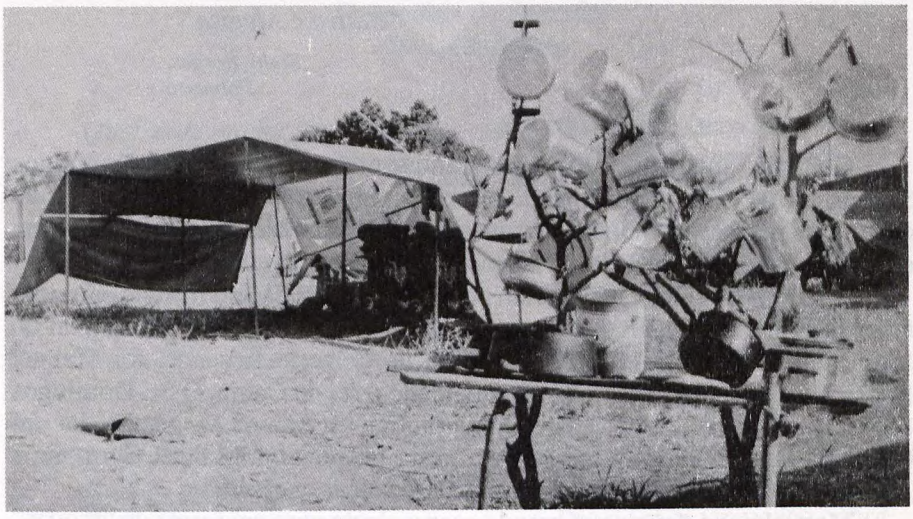
"Vivo nesse mundo errante
Por terra desconhecida"

Manuel Rodrigues.

"Aqui tinha uma ciganada, antigamente, dançava com nóis, eles era muito bão dançadô... Ih...! O mió catireiro! É o mió catireiro que tinha aqui em Campo Florido"[3]. Exímios catireiros, os ciganos desta região "andava de prá frente de Olímpia, até esses fundão de Goiás. Eu sou do tempo que o mundo não tinha arame. O mundo não tinha cerca. Tinha muita onça! Onça! Tinha muita. Era só mata. Lá via as onçona miano. Eu cendia fogo mode elas num vim onde tava a gente. E nóis dançava Catira! Eu aprendi dança com os cigano véio. Eu toco e faço minhas moda. Toco no violão. Afino ele como viola e nóis dança"[25].

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Dona Sinhá, do Patrimônio dos Poncianos, conheceu muitos ciganos: "De primeiro eles era catireiro, mas não dançava valência".



Acampamento do cigano Alcides

"Para cantar com viola
Eu canto em qualquer salão".

Manuel Rodrigues

No passado toda festa era pretexto para dançar Catira. Mutirões, Festa de Reis, Festas Juninas, casamentos. "Se alguém chamava prá dançá, tamo ino"[7]. Dançava-se em terra batida, "dançava no chão, assim, ó, dentro da sala, dançava a noite toda, até o dia clareá. Naquele tempo era todo sábado, diz que o Catira amanhecia, tinha que fechá as porta por causa do sol que tava dentro de casa, dançava, noite inteira. O povo naquele tempo dançava, mas dançava... naquele tempo eles num falava forró, não era forró não. Era suaré, baile. Ih... dançava o suaré até de manhã cedo"[2].

"De primeiro não tinha essas coisas de fazer tudo marcado não. E dançava. A gente ficava em casa e matava uma galinha, fazia um arroiz e dava de noite prá cumê. Tinha um cumpadre nosso, que tinha uma moda que falava: *Nóis peguemo o sol com a mão*, na moda dele. É uma noite muito feliz uma pessoa que passa num Catira bom"[11].

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Retrospectiva

"Catira é Alegria"

Sinhô Borges.
Palmeiro

O Catira, anterior a 1940, teve grandes nomes em Uberaba. Domingos Seabra, antigo violeiro/compositor, lembra algumas duplas famosas da década de 20, que deixaram composições que perduram até hoje: Tertuliano e Altino da Eva, Agenor e Ernestino Teles, José Cassimiro e Antolino.

Um grande violeiro, conhecido por ele e citado pela maioria dos entrevistados da zona urbana, motivo de estudo publicado no suplemento especial do Jornal da Manhã, de 1-10-78, de autoria de Gilberto Rezende, foi Manuel Rodrigues da Cunha, Manuelzinho, chamado o rei do Catira. O Sr. Domingos Seabra o conheceu em 1911, em Gama (antiga estação da Mogiana), em um Catira na fazenda da avó. Ele cantava nesta função com Manoel Germano e Altino da Eva. O Sr. Domingos aprendeu a dançar com ele.

Manuelzinho deixou um grande acervo de poesias em forma de "modas" e "recortados". Dizem que era melhor poeta que cantor, mas vencia a todos num desafio. Freqüentou escola apenas 3 meses e compunha com grande desembaraço. Figura carismática, era sucesso em todos os mutirões e funções que comparecia. Nascido em Jubaí, em 1891, veio com os pais para Uberaba. Casou-se, teve 12 filhos. Juarez, o 5º filho, nos conta que sua lembrança de menino com o pai é "sempre trabalhando na roça, em plantação de lavoura, sempre a meia (...) em 1938, na Conceição das Alagoas (...) ele tirava dormente para a Mogiana, por um ano. Depois de Conceição, nos mudamos para Uberaba, em 39, e em 40, nós descemos para São Paulo. Nós fomos morar na fazenda Faxina, perto de Franca, depois de 3, 4 meses mudamos para São Paulo". Ali, Manuelzinho continuou compondo, foi participando de programas de calouros no Rádio e TV. Morreu em 1957, trabalhando

Manuel Rodrigues da Cunha, o poeta do sertão

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

como folheiro. O grande poeta do sertão, disse: " Eu queria ser poeta. Não pude ter mais escola. Dediquei ao Catira a minha vida"[35].

Despedida de Serrador

(Manuel Rodrigues)

I

Queixo de minha profissão
De não fazer bons contratos
Com minha serra na mão
E vivo pro meio dos matos
Por minha grande precisão
Trabalho muito barato
Queixo com muita razão
Desse meu destino ingrato.

II

Acho meu serviço pesado
Devido minha fraqueza
Trabalho nele obrigado
Prá manter minha despesa
Amanheço o dia enfezado
Com essa minha pobreza
Vou dar um murro danado
Na serrinha portuguesa.

III

Levanto de madrugada
Junto com meu companheiro
Com minha serra afiada
Vou serrar o dia inteiro
Fazendo minha empreitada
Prá ganhar pouco dinheiro
Não sobra quase nada
Nunca passo de um roceiro.

IV

Serra sobe, serra desce
Trinta golpe por minuto
Logo suor aparece
Não posso parar enxuto
Com isso os braços "amolece"
Devido serviço bruto
O patrão é que enriquece
Eu é que tanto labuto.

V

Serra desce, serra sobe
O pó do pau esparrama
Pra ganhar tão pouco cobre
Durmo sem virar na cama.

VI

Já estou no fim na vida
Prá serrar não tenho valor
A natureza abatida
Estou sem força e vigor
A saúde enfraquecida
Já não agüento rigor
Vou fazer a despedida
Prá não ser mais serrador.

Em uma de suas entrevistas ao Arquivo Público de Uberaba, antes de seu falecimento, Dr. Randolfo Borges, declamou poemas de Manuelzinho, lembrando que ele era capaz de brincar com as estrofes de suas composições, invertendo versos, fazendo novas estrofes, sem mudar uma única palavra.

"Serra desce, serra sobe
O pó do pau esparrama
Prá ganhar tão pouco cobre
Durmo sem virar na cama."

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ou:
"Prá ganhar tão pouco cobre
Durmo sem virar na cama
Serra desce, serra sobe
O pó do pau esparrama."

ou ainda:
"O pó do pau esparrama
Serra desce, serra sobe
Durmo sem virar na cama
Prá ganhar tão pouco cobre."

Só isto explica porque ele era imbatível em um desafio.

Outros grandes violeiros citados pelo Sr. Domingos eram de Dores de Campo Formoso: "Vicente Caburé, José Gregório, João Emerenciano, João Herculano e Cicinato".

Histórias pitorescas povoam estes personagens. João Emerenciano saiu para comprar remédio para a sua mulher que entrara em trabalho de parto. No caminho encontrou um Catira, voltou três dias depois, com o remédio, "a filha já havia nascido"[36].

"uma coisa muito certa
Que Nosso Senhor deixou
Do mundo nada se leva
só lucra do que gozou."

João Emerenciano

João Emerenciano, com os últimos violeiros citados, participaram de encontros de catireiros famosos promovidos por Natal e Otaviano Borges em suas fazendas. Foi em um destes encontros que Emerenciano, ficou quando sua filha caçula nasceu. Destes encontros, na década de 30, os participantes lembram com entusiasmo.

Sentados: Da esquerda p/ direita, Mauro Borges de Moraes, Antônio Augusto Borges. De pé, esquerda p/ direita, Vilmondes Cruvinel Borges, Romeu Borges de Araujo, Lauro Cruvinel Borges, "Sinhô" Borges de Moraes, "Zezito" - José Cruvinel Borges, Gabriel Borges de Moraes.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Os Borges continuaram a tradição de família, formando um grupo na década de 40 que dura até os dias atuais, composto por tios, irmãos, sobrinhos e agregados, com as violas de Vilmondes Cruvinel e Gabriel Borges.

Há outros grandes nomes com tantas histórias para contar, que se torna impossível citá-los.

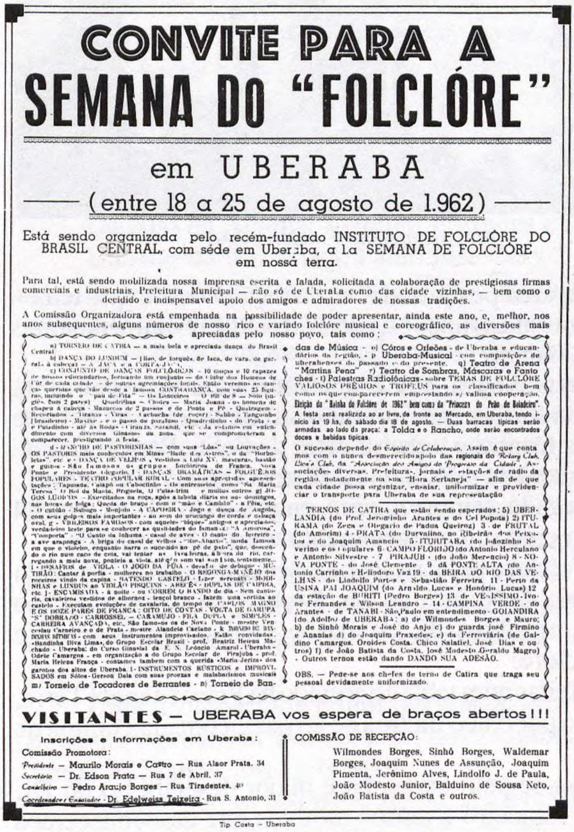
De manifestação espontânea de pessoas que se juntavam para dançar, o Catira sobreviveu transformando-se em grupos permanentes. Provavelmente, com o declínio progressivo do folclore a partir da década de 1950, as pessoas foram abandonando a dança pela evolução do quadro ambiente já descrito. Pois quando mudaram as formas de troca de bens e de serviço, mudaram também os símbolos. Estes passaram pois, a ter outros significados. O Catira já não representa hoje o que representava nas décadas de 1930 e 1940.

Os grupos organizados foram uma forma encontrada de perpetuar a manifestação tão agradável.

Os fins da década de 1940, e início de 1950 são os anos de florescimento do nacionalismo.

Marcou este tempo uma busca da identidade nacional. O quê, em 1922 reclamaram os jovens na Semana de Arte Moderna - atentar para a cultura nacional - passou a ganhar uma forma oficial nos Institutos, Sociedades, Comissões e Clubes de Folclore. Em 1951 realizou-se o 1º Congresso Nacional de Folclore, traçando normas para vários outros Institutos de Folclore que surgiram nos Estados.

Dr. Edelweiss Teixeira, desde 1949 membro da Comissão Mineira de Folclore, sediada em Belo Horizonte, fundou em 13 de maio de 1962, em Uberaba, o Instituto de Folclore do Brasil Central. Este realizou 2 semanas de folclore: a primeira no ano de fundação, a segunda no ano seguinte, antecedidas de grandes preparações: ensaios, com a participação de escolas, clubes, simpatizantes.


CONVITE PARA A

SEMANA DO "FOLCLÓRE"

em UBERABA

(entre 18 a 25 de agosto de 1.962)

Está sendo organizada pelo recém-fundado INSTITUTO DE FOLCLÓRE DO BRASIL CENTRAL, com séde em Uberaba, a La SEMANA DE FOLCLÓRE em nossa terra.

Para tal, está sendo mobilizada nossa imprensa escrita e falada, solicitada a colaboração de prestigiosas firmas comerciais e industriais, Prefeitura Municipal — não só de Uberaba como das cidade vizinhas, — bem como o decidido e indispensavel apoio dos amigos e admiradores de nossas tradições.

A Comissão Organizadora está empenhada na possibilidade de poder apresentar, ainda este ano, e, melhor, nos anos subsequentes, alguns números de nosso rico e variado folclóre musical e coreográfico, as diversões mais apreciadas pelo nosso povo, tais como:

a) TORNEIO DE CATIRA — a mais bela e apreciada dança do Brasil Central

b) DANÇA DO LUNDUM — [illegible] de torquês, de faca, de vara, de garrafa à cabeça) — A JACA e a [illegible].

c) CONJUNTO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS - 10 moças e 10 rapazes de nossos educandarios, formando um conjunto — do Clube dos Homens de [illegible] de cada cidade - de outras agremiações locais. Então veremos as danças queridas que vão desde a famosa CONTRADANÇA, com suas 25 figuras, incluindo o "pau de Fita" — Os Lanceiros — O [illegible] de 8 — Solo (inglês, com 2 pares) — Quadrilhas — Chotes — Maria Joana - os homens de chapéu à cabeça - Mazurcas de 2 passos e de Ponta e Pé - Quatragem - Recortados - Tiranas - Viras - Cachucha (de roçar) - Sabão - Tanguinho (brasileiro) - Maxixe - e o passo de parafuso - Quadradinho - do Prata - e e Paladinho - até às Rodas - Ciranda, Sarandi, etc. - da estudos em entendimento com diversos Ginasios da zona que se comprometeram a comparecer, prestigiando a festa.

d - RANCHO DE PASTORINHAS — com suas "Lôas" ou Louvações - OS PASTORIS mais conhecidos em Minas "Baile dos Astros", e da "Borboletas", etc. e - DANÇA DE VELHOS, vestidos à Luiz XV, mascaras, bastão e guizos - São famosos os grupos folclóricos de Franca, Nova Ponte e Presidente Olegario. f - DANÇAS DRAMÁTICAS — FOLGUÊDOS POPULARES - TEATRO POPULAR RURAL - Com suas apreciadas apresentações: Tapuiada, Caiapó ou Caboclinho - Os entremezes como "Sá Maria Teresa", O Boi da Manta, Priguiça, O Pulas-trim e muitos outros g) JOGOS LÚDICOS - Exercitados na roça, após a labuta diaria ou aos domingos, nas horas de folga: Queda de braço - com o "mão e Cambio" - a Pêia, etc. - O cubião - Sabugo - Monjolo - A CAPOEIRA - Jogo e dança de Angola, com seus golpes mais importantes - ao som do urucungo de corda e cabaça oral. g - VIOLEIROS FAMOSOS - com aqueles "tôques" antigos e apreciados, verdadeiro teste para se conhecer as qualidades do [illegible]: "A Amorosa", "Comporta" - "O Canto da Inhuma - casal de aves - O canto do ferreiro - a ave araponga - A briga do casal de velhos - "Rio-Abaixo", moda famosa em que o violeiro, enquanto narra o sucedido ao "pé de pato", que, descendo o rio num caco de cuia, vai tentar as lavadeiras, à beira do rio, carregando a mais nova, ponteia a viola, até q/o som vai sumindo, lentamente... i - DESAFIOS de VIOLA - O JOGO DA FÚIA - desafio de debique - MUTIRÃO: Cantar à porfia - mulheres no trabalho - O REGONGA-MANÊJO dos roceiros vindo da capina - BATENDO CASTELO - Fazer serenata - MODINHAS e LUNDUNS ao VIOLÃO PISQUINS - ABEIÊS - DUPLAS DE CAIPIRA, etc. j - ENCAMISADA - á noite - ou CORRER O BANDO de dia - Sem cantoria, cavaleiros vestidos de albornoz - lençol branco - fazem uma sortida ao castelo - Executam evoluções de cavalaria, do tempo de CARLOS MAGNO E OS DOZE PARES DE FRANCA: OITO DE COSTAS - VOLTA DE GARUPA "S" DOBRADO - CARROSSEL — CARAMUJO - FILA DUPLA e SIMPLES - CARREIRA AVANÇADA, etc. São famosos os de Nova Ponte - mestre Venceslau Carneiro e o de Prata - mestre Alandete Caetano - k [illegible] - com seus instrumentos improvisados. Estão convidadas: «Bandinha Diva Lima», do Grupo Escolar Brasil - prof. Beatriz Helena Machado - Uberaba; do Curso Ginasial da E. N. Leôncio Amaral - Uberaba - Odete Camargos - em organização a do Grupo Escolar de Pirajuba - prof. Maria Helena França - contamos tambem com a querida «Maria Jeriza» dos garotos dos altos de Uberaba. l - INSTRUMENTOS RÚSTICOS e IMPROVISADOS em Sólos - Gerson Dala com suas proezas e malabarismos musicais m) Torneio de Tocadores de Berrantes - n) Torneio de Bandas de Música - o) Côros e Orfeões - de Uberaba e educandários da região, - p Uberaba-Musical - com composições de uberabenses do passado e do presente. q) Teatro de Arena "Martins Pena" r) Teatro de Sombras, Máscaras e Fantoches - t) Palestras Radiofônicas - sobre TEMAS DE FOLCLÓRE

VALIOSOS PRÊMIOS e TROFÉUS para os classificados bem como os que comparecerem emprestando s/ valiosa cooperação.

Eleição da "Rainha do Folclóre de 1962" bem como da "Princeza do Peão de Boiadeiro".

A festa será realizada ao ar livre, de fronte ao Mercado, em Uberaba, tendo inicio às 19 hs. do sábado dia 18 de agosto. — Duas barracas tipicas serão armadas ao lado da praça: a Tolda e o Rancho, onde serão encontrados doces e bebidas tipicas.

O sucesso depende do *Espirito de Colaboração*. Assim é que contamos com o nunca desmerecido apoio das regionais do *Rotary Club*, *Lion's Club*, da "*Associação dos Amigos do Progresso da Cidade*", Associações diversas, Prefeituras, jornais e estações de radio da região, notadamente na sua "Hora Sertaneja" — afim de que cada cidade possa organizar, ensaiar, uniformizar e providenciar o transporte para Uberaba de sua representação.

TERNOS DE CATIRA que estão sendo esperados: 5) UBERLANDIA (do Prof. Jeronimo Arantes e do Cel Popota) 2) ITURAMA (do Zeca e Olegario de Padua Queiroz) 3 - de FRUTAL (do Amorim) 4 - PRATA (do Durvalino, no Ribeirão dos Peixotos e do Joaquim Amancio 5 - ITUIUTABA (do Joãozinho Severino e os Populares 6 - CAMPO FLORIDO (do Antonio Herculano e Antonio Silvestre - 7 PIRAJUBA - (do João Merencio) 8 - NOVA PONTE - do José Clemente 9 dá PONTE ALTA (do Antonio Carrinho e Heliodoro Vaz 10 - da BEIRA DO RIO DAS VELHAS - do Lindolfo Portes e Sebastião Ferreira 11 - Perto da USINA PAI JOAQUIM (do Arnaldo Lucas e Honório Lucas) 12 da estação de BURITI (Pedro Borges) 13 de VERISSIMO - Ivone Fernandes e Wilson Leandro — 14 - CAMPINA VERDE - do Arantes - de TANABI - São Paulo em entendimento - GOIANDIRA (do Adolfo) de UBERABA: a) de Wilmondes Borges e Mauro; b) de Sinhô Morais e José do Anjo c) do guarda José Firmino e Ananias d) do Joaquim Praxedes; e) da Ferroviária (de Galdino Camargos, Oroides Costa, Chico Salatiel, José Dias e outros) f) de João Batista da Costa, José Modesto, Geraldo Magro) - Outros ternos estão dando DANDO SUA ADESÃO.

OBS. — Pede-se aos chefes de terno de Catira que traga seu pessoal devidamente uniformizado.

VISITANTES — UBERABA vos espera de braços abertos!!!

Inscrições e Informações em Uberaba:

Comissão Promotora:

Presidente — Maurilo Morais e Castro — Rua Alaor Prata, 34
Secretário — Dr. Edson Prata — Rua 7 de Abril, 37
Conselheiro — Pedro Araujo Borges — Rua Tiradentes, 40
Coordenador e Orientador - Dr. Edelweiss Teixeira - Rua S. Antonio, 31

COMISSÃO DE RECEPÇÃO:

Wilmondes Borges, Sinhô Borges, Waldemar Borges, Joaquim Nunes de Assunção, Joaquim Pimenta, Jerônimo Alves, Lindolfo J. de Paula, João Modesto Junior, Balduino de Sousa Neto, João Batista da Costa e outros.

Tip. Costa – Uberaba

Estas semanas nos dão uma mostra da força do Catira ainda na década de 60. Apresentaram-se 21 grupos sendo 7 de Uberaba.

Eram eles:

1 - Arnaldo Lucas e Onório Lucas, da Usina de Pai Joaquim
2 - Pedro Borges, da Estação de Buriti
3 - Vilmondes e Mauro Borges
4 - Sinhô Borges e Zeca dos Anjos
5 - José Firmino e Ananias
6 - Joaquim Prexedes
7 - Terno Ferroviário de Galdino Camargo
8 - João Batista Costa
9 - José Modesto e Geraldo Magro

Semana do Folclore, 1962

Possivelmente outros grupos participaram, mas não encontramos anotações. Dois grandes destaques desta semana foram: Antonio Ananias e José dos Santos.

Antonio Ananias, barbeiro, além de grande violeiro, sapateador, compositor, dançava lundum. O lundum, dança praticamente extinta na área pesquisada, era dançado desde que temos notícias do Catira sempre nas mesmas funções, entre um Catira e outro. Ananias chegou a ganhar troféus de Lundum.

José dos Santos, Zeca dos Anjos, que é um venerando depositário da sabedoria popular, ainda está vivo. Congadeiro, filho de congadeiro; capitão de Folia de Reis durante 67 anos. Conhece todas as artes da Folia. Benze com fé: "Eu só falo as palavras, quem benze é o Senhor e a Estrela Guia tá lá em cima". Trabalhador, "nunca fui empregado, sempre meeiro, empreiteiro". Hoje com 84 anos, amparou nosso trabalho com seu conhecimento e infinita memória.

A primeira Semana do Folclore polarizou as atenções do país. Foi notícia do primeiro caderno do "Diário da Noite", de São Paulo, e da "Gazeta de São Paulo". Estiveram presentes membros da Comissão Paulista de Folclore e Associação Brasileira de Folclore.

As apresentações foram feitas num tablado armado na Praça Manoel Terra, de dez metros de cumprimento por cinco metros de largura, com uma rampa de cinco metros.

Estas semanas realizaram-se pelo empenho e maior desembolso do Dr. Edelweiss. A falta de apoio financeiro e outros motivos que desconhecemos puseram fim às mostras.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Desde a década anterior era famoso o Circo Faísca que rodava os arraiais do município, e fazia Torneios de Catira.

José dos Santos (Zeca dos Anjos) e Claudionor Silveira (com o violão)

"Última fonção de Catira foi na época do circo, tem mais de 20 anos. Tinha o taboado alí na Igreja... punham lá, era desmontado, nós chegava, montava ele na hora e aprumava. Hoje cabô" [9]. No arraial da Capelinha, como nos restantes arraiais, acabou antes da cidade.

Ainda na década de 60, o radialista, compositor e violeiro, Toninho, que cantava em dupla com sua mulher, Marieta promoveu encontros de catira em seu programa "Divertimento de Caboclo". "Eram torneios disputados por Altos (bairros) da cidade:

Do Alto do Fabrício: Valtercides e Levino
Do Alto das Mercês: José Emídio e José Modesto
Do Alto São Benedito: Zeca dos Anjos e Chico Carrero
José Raimundo e Olavo Alves de Souza (Olavinho)
Do Alto da Abadia: Joaquim Prexedes e Benedito
Do Alto da Boa Vista: Paulo José Cury
Do Alto dos Estados Unidos: Zé Cassimiro e Antônio Ananias
...Eêê Antonio Ananias... tanto dançava o lundum quanto o Catira!

O Ananias dançava o lundum com duas facas. O povo até ficava em pé prá vê. Isso depois do Catira" [42]. Outro personagem catireiro, famoso na época, citado por Toninho, foi Canuto "com mais de 80 anos fazia evoluções com a viola, passava por trás, jogava para o alto, sempre dançando lundum ou Catira. Ele e os Borges não entravam no torneio. Não tinha ninguém prá competir com eles" [42].

Na década de 1970, o empresário Gilberto Rezende, passou a utilizar sua chácara de lazer para apresentações do Catira. As apresentações substituíam pouco a pouco as funções. Para a grande maioria dos catireiros de Uberaba, a chácara de Gilberto, que tem o nome fantasia de Casa de Folclore, "segurou o Catira em Uberaba" [35].

Gilberto conseguiu reunir um grande acervo de fitas cassetes, fitas VHS, poesias e entrevistas. Publicou um novo suplemento, "A Poesia do Sertão", no Jornal da Manhã, em 18/6/1978.

Estimulada por este novo alento, a Secretaria Municipal da Educação criou o ensino do Catira em algumas escolas municipais. O professor foi o catireiro

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Sinhô Borges. "Achei bom e comecei a ensinar os meninos no Catira. Era bonito, começaram bem. Porém, eles foram abandonando e acabou. Os meninos não quiseram aprender, mas o Prefeito aprendeu a dançar"[1].

Em agosto de 1978, comemorando a Semana do Folclore, a Secretaria de Turismo da Prefeitura promoveu o "I Festival Regional de Catira". As apresentações tiveram lugar na Concha Acústica, Praça Afonso Pena. Apresentaram-se Grupos de Uberlândia, Ituiutaba e Conceição das Alagoas, de Uberaba apenas dois: dos Borges e do Zeca dos Anjos.

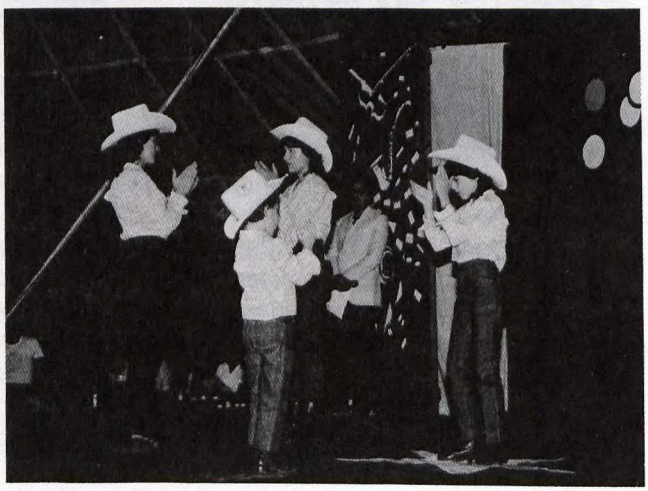
A partir da década de 80 os torneios e apresentações públicas do Catira declinaram.

"Com A escrevo ausente
Que muito ausente eu vivo
*B escrevo banzante **
Vivo sempre banzativo"

José Correia (Zé Criolo)

Outras tentativas foram feitas. Em 1984, a Fundação Cultural de Uberaba lançou o disco "Canto e Dança do Povo de Uberaba", que dedicou um lado do disco ao Catira.

Na década de 80, Maria de Fátima, filha do catireiro Paulo Cury, que dançava com o pai, foi chamada para ensinar no Circo do Povo, "mas as crianças não se interessavam. Deu mais certo na Escola Municipal Boa Vista. Lá ensinei para minhas colegas, para apresentar na época da gincana, no quadro de folclore. Elas gostaram. Meu pai tocava. Não dançam mais porque arrumaram namorados e eles não deixam dançar"[44].



Filhas de Paulo Cury no Circo do Povo. Da direita para esquerda: Maria de Fátima R. Cury, Rosimeire Ribeiro Cury, Lindalva Ribeiro Cury Souto e Ana Cristina (criança, amiga da família)

O declínio do Catira se fez sentir mais forte ainda, quando o Catira dos Borges, em apresentação na Faculdade de Zootecnia, foi vaiado pelos alunos.

O mesmo aconteceu no Circo do Povo, e no Parque Fernando Costa, com outros grupos de catireiros.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

"Adeus mundo ingrato
cheio de ingratidão
poesias mais eu não faço
fiz este por recordação
já me vejo bem cansado
o peito magoado
lembro o passado
e o mundo é solidão."

Domingos Seabra

Muitos catireiros, violeiros famosos, palmeiros e sapateadores, converteram-se às novas seitas evangélicas e pararam de dançar.

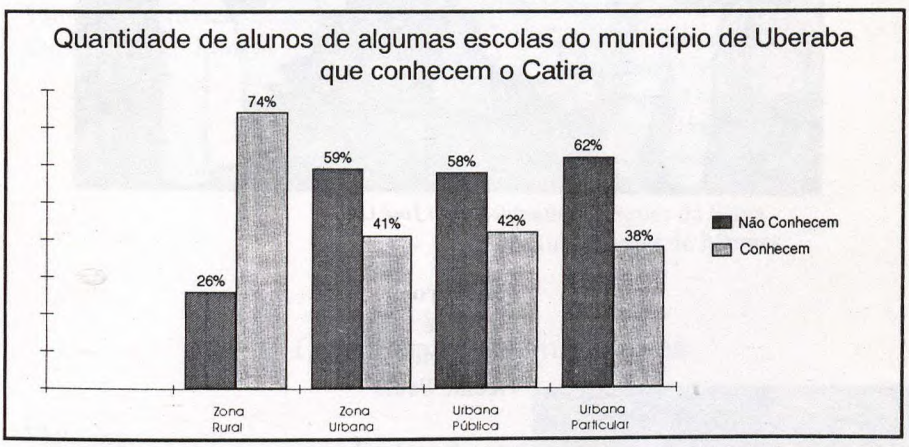
Pouco a pouco estamos perdendo nossas raízes.

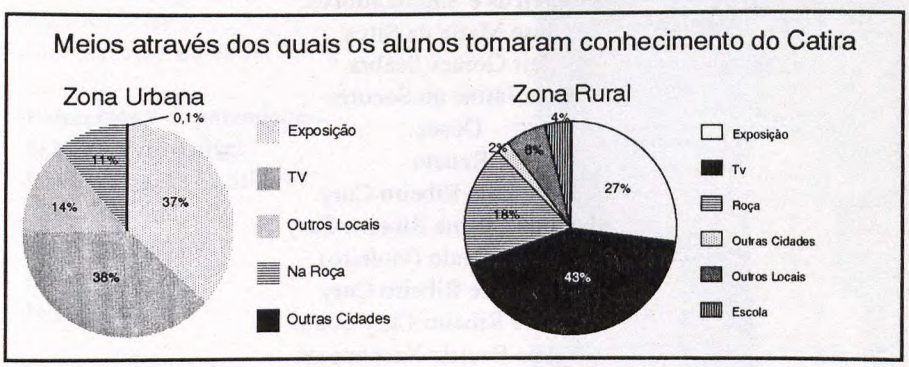
Isto comprovamos pela amostra, que fizemos em escolas de 1º e 2º graus, na cidade de Uberaba, na zona rural e urbana, com 6082 alunos.

O resultado da amostra comprova que:

1) O Catira ainda é mais conhecido no meio rural.

2) É mais conhecido, nas escolas urbanas públicas.





Entre os meios, através dos quais os alunos tomaram conhecimento do Catira, predomina a televisão.

Algumas apresentações ainda têm sido feitas no Parque Fernando Costa, durante as Exposições de Gado Zebu. Mas ultimamente apresentam-se mais grupos do Estado de São Paulo.

Mas alguns poucos ainda resistem, como o do Sr. Manoel Teles, que junta seu grupo ao de Paulo Cury e dos Borges.

Com o violeiro Paulo Cury estão:

Catira de Paulo José Cury

Violeiros:
Paulo José Cury
José Criolo
Vicente Paulo

Palmeiros e Sapateadores:
Jose Maria da Silva
Jair Gomes Seabra
Zoni Jaime do Socorro
Dener
Renato
Jorge Luis Ribeiro Cury
Maria de Fátima Ribeiro Cury
Vicente Paulo (violeiro)
Rosimeire Ribeiro Cury
Lindalva Ribeiro Cury Souto
Virgínia Beatriz Nascimento
Clarice Limídio de Almeida.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

O Catira dos Borges

Apresentação do Catira dos Borges

Violeiros:
Vilmondes Cruvinel Borges
Gabriel Borges Moraes

Palmeiros e Sapateadores:
Ricardo Borges Araújo
José Antônio Borges
Sebastião Gonçalves
Romeu Borges Araújo
Romeu Borges Júnior
Adilson Gonçalves
Dalmo Borges
José Rodrigues da Silva
Mauro Borges de Moraes

O Catira do Sr. Manoel Teles

Violeiros:
Manoel Teles
José Rezende da Silva.

Palmeiros e Sapateadores:
Sebastião Gonçalves
José Rodrigues da Silva -
"Zé Ninguém"
Adilson Gonçalves
Dalmo Rezende
Jair Seabra.

Manoel Teles e seu filho Vinicius Teles Rezende

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Enfoque Sobre as Letras do Cabeçalho, Moda e Recortado

"As minhas modas são raízes,
acho que não serve prá hoje".

Zeca dos Anjos

As letras das músicas normalmente são reflexões sobre a vida, o cotidiano, a história de pessoas, de comunidades e seu relacionamento com o trabalho e com a natureza. "Os versos falava sobre a vida de uma pessoa. Às veiz acontecia que perdia uma lavora e fazia os versos lembrando o prejuízo"[19].

"Os versos só tem valor de acordo com a ocasião"[20]. "O gostoso da música é viver os costume da época. Qualqué coisa que acontecia era motivo prá pegá a viola e compôr: vão cantá uma moda, acontecia uma coisa, vão cantá uma moda?"[5].

"Se alguém lhe der escola,
prá cantá moda e verso
Eu num pego mais em viola;
e do Catira eu me despeço".

Manuelzinho Rodrigues.

O autor desses versos confirmou sua realidade e de todos os catireiros que nunca freqüentaram escolas ou o fizeram por tempo suficiente para aprender a ler e escrever.

Cultura Popular

Há preconceitos na afirmação de que a classe dominante é capaz de entender a totalidade social e que os trabalhadores têm uma visão fragmentada da realidade. As mensagens das "modas de viola" e dos discursos dos moradores da zona rural e urbana manifestam a compreensão do mundo em que vivem.

As "modas" que seguem são reflexões políticas e econômicas cantadas nos "suaios" do Catira, contrariando aquela visão preconceituosa:

Não Voto Mais

I

Eu não sou mais eleitor
Só porque não me convém
Não dou voto por favor
Nem por dinheiro também
Que todo governador
Tanta promessa eles têm
Quando do posto é senhor
Não conhece mais ninguém.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

II

Quando um governo sai
Para entrar outra remessa
Filhos em lugar do pai
Sempre com a mesma conversa
E com isso o povo vai
Atrás das ditas promessa
E o mundo só decai
Porque tudo sai às avessa.

III

Todo candidato assanha
Na véspera da eleição
Fazendo a dita campanha
Dando a sua opinião.
Mas depois que eles ganha
Acaba toda união
Só se vê é coisa estranha
Sacrificando a nação.

IV

Quando é vesperando o pleito
Só se vê sentimento nobre
Prometendo agir direito
Ser a favor dos pobre
Mas depois que são eleito
A promessa eles encobre
Vão agir por outro jeito
Só o imposto é que sobe.

Manuel Rodrigues

Os Atacadistas

I

A respeito dos atacadistas
Veja o que vamos dizer
Gente de mau coração
Todo mundo pode ver
Eles estão matando os pobre
Só eles é que quer viver
Come é do bão e do melhor
E só qué inriquecer
Eles prende o mantimento
Só caro que quer vender.

II

Pro rico não falta nada
Tem de tudo prá perder
O pobre morre no serviço
e não faiz nem prá comer
Trabalha o dia inteiro
Tem noite de amanhecer
e não tem merecimento
faiz a gente imbrestecá
e só pode descansá
quando acaba de morrer.

III

Veja se não é pecado
O que vanceis tão fazendo
Os armazém tão todo cheio
e vanceis tá escondendo
ganha quinhentos por cento
e o resto apodrecendo
e manda jogá nos rio
assim é que tão fazendo
coitado dos inocente
de fome já tão morrendo.

IV

Na terra não há justiça
mais um dia vai pagá
do mal que praticou
bão lugar não vai ganhá
vai ter arrependimento
mais vai ter que entregá
tua alma prá aquele homem
ele é que vai te vingá
vai te torrá no ispeto
e vai ser de amargá.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

V

O sofrimento do pobre
Veja só como que é
pega cedo no serviço
assim é que o patrão qué
Tem as veis que saí de casa
até sem tomá café
se atrasa cinco minutos
o patrão já perde a fé
ganhando pouco ordenado
pro patrão tê duas muié.

VI

Tem alguma gente rica
que ainda faz caridade
mais realmente a maioria
vive fazendo maldade
subindo a mercadoria.
(...)

Zeca dos Anjos

Há um conhecimento implícito nos versos do catireiro, retirado no trato diário com os elementos da natureza, com a realidade do trabalho e com suas relações pessoais: "eu invento uma melodia comparando a minha vida com aquilo que eu fui fazer. Então, ninguém reclama, todo mundo aplaude"[27].

Mundo Velho Sorridente

I

Mundo velho sorridente
Com seus inverno e verão
Dele provém a semente
Dessa nova geração
Surge o sol no nascente
Clareia o nosso sertão
Destinando-se ao poente
Trás a noite a escuridão
É hora que a gente sente
As velhas recordação.

II

Quando chega a noite escura
Vejo as estrelas brilhantes
Ouço cantar a saracura
Nas vertentes verdejantes
O silêncio me procura
Na minha vida triunfante
A natureza bela e pura
Me lembra a aurora distante
Das minhas lutas tão duras
Não esqueço um só instante.

III

Quando vém rompendo a aurora
As campinas orvalhadas
O que sempre me consola
É o cantar da passarada
Eu me lembro toda hora
Das remotas madrugadas
Puxo por minha cachola
E faço modas dobradas
Mas o recurso foi embora
Hoje não sirvo prá nada.

IV

Nas suas manhãs tão frias
Cai lentamente o sereno
E no decorrer do dia
Com o sol vai se aquecendo
Vejo tantas fantasias
E a natureza tremendo
Já não tenho mais alegria
Hoje é que estou vendo
Que tudo se acaba um dia
De desgosto estou morrendo.

Estribilho

Lembro das árvores floridas
Do jardim da minha infância
Da aurora da minha vida
Só me resta uma lembrança.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

V

A juventude eu passei
Até meus dezoito anos
A minha infância gozei
Tive um viver soberano
Com a vida sempre lutei
Com os trabalhos fui cansando
Minha terra sempre amei
E nela vivo pisando
E hoje velho fiquei
Prá mais nada estou prestando.

Manoel Teles.

Na estrada, sobre o carro de boi, os versos caipiras se cruzam

É comum encontrarmos "modas" bem parecidas. São plágios inconscientes devido, entre outros fatores, à difícil audição (a divulgação é quase sempre oral). Nesta condição, a reprodução autêntica e original é comprometida. A semelhança também se justifica porque é comum enviarem para outros catireiros suas próprias composições, como bem explicou Juarez, filho de Manuel Rodrigues: "Meu pai compunha uma música e mandava pros amigos compô em cima".

Nas "modas" que seguem verificamos, além das semelhanças, a tendência do folclore universal, em atribuir aos animais, às plantas e aos seres da natureza, qualidades humanas, ou de transferir-lhes atos da vida cotidiana. O "Jogo di vortibola" é produção do folclore goiano e o "Jogo da bicharada" é de autor desconhecido, segundo nos informou o Sr. Zeca dos Anjos, de Uberaba:

Jogo di Vortibola

I

O jogo de vortibola
Tá in premero lugá
Até os bicho do mato
Tá aprendeno a jugá.
Ajuntô a bicharada
Foi pro campo se incontrá
Com o timi do carrascá.

II

A hora de iscalá o jogo
Qu'eu achei munto ingraçado
O sapo jogô no golo
Pur sê o bicho mais trenado
O cueio béqui de ispera,
Ficô muito entrusiasmado;
O tatu béqui de avanciou
Centerarfu era o viado (...)

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

III

O calango jogô na istrema
Pur sê bicho mais veiaco,
O jacaré jogô na mêa
Centefô era o macaco
O juiz apitô a saída
A mêa passô pro cento
O sapo tava no golo
A chamá po São Bento.

IV

Toda sistencia pidia
Pro juiz sê o pavão
Cascavé saiu no campo
Quereno sê o campião
O lobo na otra istrema
Tava marcano o leão
De veis in quando ele ria
De vê o sapo de carção.
(...)

Jogo da Bicharada

I

Lá no arraial das coruja
Fizeram uns combinado
O time do quebra-dedo
Com o time do pé-rapado
A bicharada reuniram
Formaram logo seus par
Nós fomos merecedor
Por ser um jogo parado.

II

A bicharada rangiu
O jogo será radiado
As estações do lugar
O "spik" era sumido
Rapazinho avergonhado
As quinze horas da tarde.

III

O time do quebra-dedo
Tinha fama de campeão
A pulga, o cavalo e o boi
E que despera o leão
Cavalo segue de avanço
Artilheiro piriá.

IV

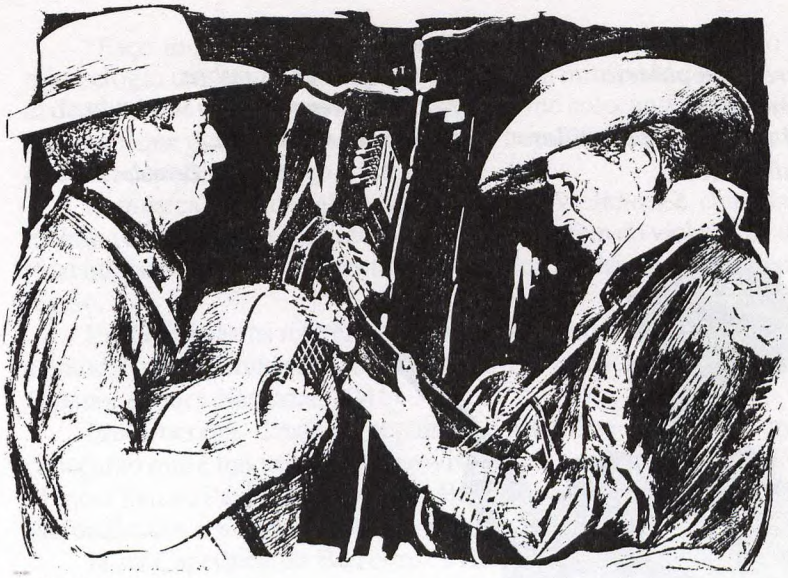
O time deu a saída
O coelho foi pagiar
O tigre fez corpo mole
Mas quando ele foi jogar
Puxa água dar ao bode
Se o bode morrer queimado
Juizada o senhor não viu
Cachorro já quis brigar.

Autor Desconhecido

Inspiração de poeta

"A moda ou música nasce da inspiração do homem, pelo que ele sente, pelo seu sentimento de amor, amizade ou tristeza"[2]. "Na chácara do Gilberto Rezende, homenageando gente de Belo Horizonte, conhecidos meus, vi sentada na frente, uma loura, mulher muito simpática. Catireiros, toda pessoa que dê atenção e ele, já fica grato por aquilo e eu cantando de frente prá ela e ela acompanhando com a cabeça, os gestos que a gente fazia. Eu ofereci prá ela uma música que dizia assim:

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Vilmondes Borges e Gabriel Borges.

Bico de Pena de Hélio Siqueira

Por aqui tem um rosto lindo
que eu desejo amar e tenho medo
ocultamente é meus milindros
é regozijo e segredo.

Eu faço pouca declaração
por ser causa de finança
mas enfeitiçado por essa afeição,
não perco a esperança
só não dou demonstração
prá não haver desconfiança.

Se você me tivesse amor
eu não sofreria sozinho
me fazia merecedor
prá gozar de seus carinhos
sai suspiro de meu peito (...)
(aí eu olhava prá ela)
coração de assassina
esquecer de vós eu
não acho jeito
cabelo de libra esterlina.

Vilmondes Borges

Portanto, "A moda tem que ter... quando acontece quarqué coisa, faz a moda, purquê, cantá tem que tê música na cabeça, né? Tem que tê inteligência, num teno inteligência..."[3]

Cabeçalho

I

Ilustre doutor Gilberto
Esta vai em seu louvor
Eu mais os meus companheiros
Lhe damos muito valor

Confesso isso verdadeiro
E é muito merecedor
Nós temos grande prazer
Em estar junto com o senhor

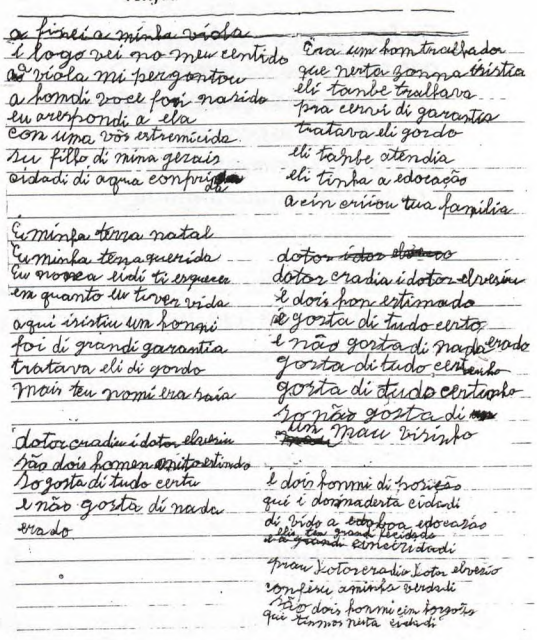
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

II

A sua chácara é um palácio
E tua riqueza sobe
Porque você é um homem caridoso
Ele é de família nobre
E faz o maior esforço
Para defender os pobre
Não quer ver ninguém sofrendo
Ele vendo, ele acode...

Zeca dos Anjos

Zeca dos Anjos



Composição e letra de Zeca dos Anjos

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

"Faço um cabeçalho dando saudações às pessoas que estão em roda de mim; elogio um, elogio outro, peço licença pra mim podê começá a tocá, cantá, aí depois é que eu começo. Peço licença, eu me colocando mais baixo que todo o mundo, que graças a Deus, eu sou muito humilde. Depois eu faço o cabeçalho da letra, depois eu começo a letra"[27].

A música do cabeçalho, saudação dos violeiros, é entoada na mesma melodia da "moda". É geralmente uma homenagem do violeiro ao dono da casa (fazenda) ou às pessoas presentes. Provavelmente há variações, dependendo da região.

Em Goiás não há referência ao cabeçalho, sendo que a música começa com a "moda" e é concluída com o "recortado". (Ver em José A. Teixeira, Folclore Goiano, editora Nacional, 1941).

Em Uberaba, dança-se seguindo o esquema: "Antes da moda vem o cabeçalho que é um verso de improviso. Pode ser dedicado a alguém - caso de Manoel Teles e Paulo Cury. O Sinhô Borges tem cabeçalho composto antes, não são dedicados e é uma introdução à moda"[2].

Já na Capelinha do Barreiro: "Primeiro é o recortado. Aí canta a moda, então, no meio, tem uma certa artura (suspendimento) tem a evolução da dança..."[2] A existência do cabeçalho nos parece controvertida, pode vir ou não antecedendo a "moda". Em alguns lugares, por nós pesquisados, ele é mesmo desconhecido.

Moda

"Eu conheço os Catiras de Mato Grosso, Minas Gerais, Triângulo, Goiás e São Paulo. Na realidade, há pouquíssimas diferenças entre os Catiras de Goiás e do Triângulo e os catireiros procuraram fazer suas próprias "modas de viola". São realmente "modas de viola" dedicadas para o Catira, com a toada inventada, imitando os passos de um cavalo.

Em São Paulo e ao norte de Minas utilizam "modas" comerciais, "modas" de Vieira e Vieirinha, de Tião Carreiro e Pardinho, "modas" de artistas com audiência bem mais acentuada (...).

Eu acho gostoso o Catira de Uberaba, principalmente a sua poesia. Acho bonitas as histórias contadas pelas "modas" e pelos recortados. São bonitas as características musicais tanto da "moda", quanto do recortado. Aquilo me agrada muito porque vi em pequeno e marcou. Aí... a gente sente... emoção"[22].

As antigas "modas" do Catira são incorporadas pelos meios de comunicação social e acrescidas de outros instrumentos. Os catireiros percebem as transformações quando, depois de gravadas e regravadas, são levadas ao ar pela rádio e pela televisão e passam a se reproduzir em outro contexto, através das agências formais especializadas na transmissão da cultura de massa e longe da vida camponesa. Há tantas modificações que elas perdem o vínculo com quem as produziu.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

A indústria cultural se volta para as "modas" sertanejas e as adapta seguindo as necessidades do consumo (a venda é o critério para se determinar a qualidade), sem preocupações com arte, cultura ou tradição.

As duplas sertanejas mais antigas ainda conservam alguns temas das modas de viola dos antigos catireiros: "Tião Carreiro e Pardinho, Zé Carreiro e Carreirinho, Tonico e Tinoco, são duplas que conservam as raízes.As novas duplas que estão criando agora têm um ritmo diferente da sertaneja. Essas duplas de hoje têm diferença de Tonico e Tinoco, das raízes. O que tem de parecido é o sentimento, muita paixão. Moda de viola é a solução do Catira, porque o Catira tem que ter moda de viola, ela faz parte do Catira e o Catira faz parte da moda de viola. O Catira nasce da viola, o Catira é a dança que acompanha a viola"[8].

"O nosso esquema, nosso sistema de viver, nosso ritmo de vida é a dança do Catira por exemplo, a moda de viola. Hoje, por exemplo, a senhora liga o rádio, tem tanta dupra nova, mas, tudo só fala em mulhé, fala umas coisas que não tem nada a vê com o sentimento do sertanejo. Que antigamente, as letras era feita de acordo com o sentimento da pessoa"[27].

"O Catira, minha fia é o seguinte: a letra do Catira, a moda do Catira tem que ser feita por sujeito, e pessoa tem que cantá a letra dele, o repertório dele. O nosso Catira num é Catira assim dessas moda sertaneja não, porque eles coloca essas moda de Zico e Zeca, Pedro Bento e Zé da Estrada, moda de viola, Tião Carreiro e Pardinho e dançam o Catira, mas num dá certo o Catira. Então, o Catira deles é muito ligeiro, muito repicado. O Catira tem que ter compasso, tudo tem que ter compasso. É iguali uma acordion que vai tocar, vai tocá uma ranchera. Antigamente existia o chote, né? Chote compassado. Hoje num existe mais. Hoje é tudo forró. Hoje é tudo pulado... se o povo dança, se a dama dança lá, o cavaieiro de cá, né? É pulado, é só dançado, é só divertido. Num dança mais como era antigamente, uma ranchera, um chote, um samba, uma marcha. Antigamente tinha isso tudo. Hoje modificou demais... modificou o sistema deles. O meu não, o meu nunca modificou. O sertanejo não pode entrar no Catira. Eles num faz mais aquelas música antiga, né? Daquele tipo, então, canta do Leôncio e Leonel, que tem muitas modas de viola. Esse caipira tem muita moda de viola, eles põem aquilo no Catira, né? Num tem aquelas modas dos dois turco que canta aquela moda da mãe que morreu e vai vortá? Eles cantam isso no Catira. Num dá certo.O Catira deles é disparado demais, aquilo num tem nem compasso, é diferente, quer dizer que o nosso Catira mineiro é muito diferente dos paulistas" [2].

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Há uma controvérsia entre quem foi o introdutor do verso dobrado. Deixem os catireiros demonstrarem essa dúvida:

O que era o verso bem atrovado?

"O verso dobrado... o simples...às vezes o sujeito canta o verso, mas é só trovado em duas palavras só. Agora dobrado, tem verso duplo, o sujeito canta o verso dobrado duas ou três vezes. Dobra uma palavra, mais lá adiante dobra mais duas, num ôtro dobra mais duas, bem atrovadinho. E esse dobrado nem o Manuelzinho di primero num cantava, é um preto que foi criado aqui em Ponte Arta, que eu conheci, esse preto, a mãe dele é dessas preta de senzala, ex-cativa, que eles fala. Esse preto tocava viola e era catireiro, é quem inventou esses verso bem atrovado. As palavras que é uma coisa isquisita. Chamava Artino, eles tratavam ele de Artino da Eva. Neguinha feia que Nossa Sinhora! Desde menino eu conhecia ela, neguinha baixinha do beicinho vermelho (...) Ele não era muito bom prá tocá, mas prá cantá e inventá moda, Nossa Sinhora! Tem a moda e o recortado, ele tinha essa vantage, toda moda que ele cantava, ele recortava. Ah! Mas ele cantava bem, Nossa Sinhora! (...) Eu conheci o Manuelzinho no tempo em que nóis catireiro cantava (...) eu admirava a música dele. Era formidáve, tudo bem arrumado, tudo bem atrovado. Era tudo normá"[10].

Santinho Souto Melo (Santinho Larum) e Isautina Maciel de Melo (Ponte Alta)

Quem introduziu o verso dobrado foi o Manuel Rodrigues ou foi o "Artino da Eva?"

"Eu tenho diversos livros sobre folclore, nenhum deles me apresenta qualquer verso dobrado, todos versinhos lisos: estrofes de quatro versos. Alceu Maynard, Laura Dalamônica, Rossini, Aluísio, desses quatro, todos eles têm representações no Catira e todos com versos lisos, nenhum com verso dobrado. Então, aqui, a influência de Manuel Rodrigues da Cunha: "(...) no tempo de minha influência não cantava versos lisos, cantava com os meus amigos as minhas modas dobradas". Isso faz parte das músicas dele "no tempo de minha

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Gilberto Andrade de Rezende (Casa do Folclore)

influência": em 1954 ele morreu, quer dizer, a "influência" dele é de 1920, 1930, por aí.

Então, se existia, faltou aparecer. Pode ser que quem introduziu, aqui na região, o verso dobrado tenha sido Manuel Rodrigues da Cunha..."[22].

E para o Sr. Domingos Seabra, quem introduziu?

"(...) quem fez a moda dobrada: aí o meu irmão que era mais velho falou: "O Artino trouxe isso prá aqui, recortado dobrado; mas veio o Manuel Rodrigues, pegô a fazê e todos fazia, agora eu fiz essas coisas (...)".

Apesar da discussão dos catireiros sobre quem introduziu o verso dobrado, sabemos que uma das características das manifestações do folclore é a incorporação de alguns elementos da literatura oficial. Por isso, a autoria perde-se no grupo dos catireiros que se apodera como sendo sua aquela contribuição. Como nos ensina um velho catireiro negro: "é do Catira!"[8]. E, para ilustrar, deixemos Agenor Teles e José Raimundo, explicarem, com as suas violas, como se faz de verdade um bom verso "atrovado". Pode arredá* as cadeiras da sala que os meus amigos da roça vão fazer uma demonstração:

Do Mamédio

I

Foi eu e meus campanheiros
Num Catira na Ponte Alta
Fomos todos "verdadeiro"
Chegamos lá nas "exalta"
Foram todos bons "palmeiro"
Que nenhum mostrou falta.

II

Foi uma união bonita
Por estes caminhos afora
Contando ninguém acredita
Como coisa fosse agora
O meu coração palpita
Me "alembro" toda hora.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

III

Lá pertinho de chegá
Tive dó do Alexandrino
Que foi preciso "apiá"
De dó do seu cavalinho
Que se chegou a deitá
Por estar doente o coitadinho.

IV

E levou ele puxado
Logo depois que chegou
E deu um remédio aplicado
O Mamédio curadô
Que um pouco do caso passado
Cavalinho melhorou.

V

Com nós ali conversando
O Mamédio disse a franqueza
Mas não foi desagradando
O trato foi sem firmeza
E eu não estava esperando
Por isso eu não fiz despesa.

VI

E o Clarindo ficou
Numa sem graçura tamanha
Que foi ele que nos levou
Numa exigência medonha
O semblante dele mudou
E eu vi que ele teve vergonha.

VII

Dali uma hora e tanto
Nem isso se duvidar
Veio uma tão bela janta
Fomos prá mesa jantar
Aquela bondade sem conta
Que eu nem posso explicar.

VIII

Umas vinte e tantas "pessoa"
Jantamos "arreunido"
Aquela janta tão boa
Que foi tão reconhecido
E o homem clamou à toa
Por viver "aprevinido".

IX

Logo depois da refeição
Disseram prá nós agora
Vamos prá outro salão
Vamos saindo prá fora
E o Altino Campeão
Veio chegando nesta hora.

X

Naquele pequeno espaço
A Deus todos "dizia"
Cheguei com desembaraço
Fiz as minhas "bizarria"
Dei nele um forte abraço
Que a tempo nós não "via".

XI

Com nós ali em concorda
Prá salas entramos junto
Cantei a primeira moda
Exibindo meus "assunto"
Quem estava ali por roda
Vi que apreciou muito.

XII

E também o Altino
Cantou a sua modinha
E porém muito exibindo
O assunto que ele tinha
Com seu repertório fino
Muito superior a minha.

XIII

Eu vi que o Catira estava
Naquela influência louca
Quando o Altino parava
Sentei minha nove boca
Moda e recorte eu cantava
Senti a noite ser pouca.

Coleção Mineiriana

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

XIV

Foi ali de madrugada
O Altino despediu
Fizemos uma parada
O Mamédio me pediu
Cantei mais uma moda dobrada
E nisso o sol saiu.

XV

Saímos prá despedir
Por ser hora de viajar
O Mamédio veio me pedir
Pois daqui sem almoçar
Não deixamos ninguém sair
Foi preciso nós "esperar".

XVI

Naquele pequeno intento
Que nós tava conversando
Mamédio contando exemplo
De quem estava tratando
De algum "amelhoramento".

XVII

Nós "todo" alegre e contente
Fizemos a despedida
De todos geralmente
Ei de gravar em seguida
Pros amigos e pros "parente"
Até o fim da minha vida.

Agenor Teles

Letra de Zé Raimundo

I

Eu levantei bem cedinho
e pisei com o pé direito
Eu liguei a minha idéia
Prá fazer versos bem feito.
Afinei minha viola
E pontiei com muito jeito
Convidei o meu parceiro
que para mim é sem defeito.

II

Nós dois cantando junto
Faz chorá dois coração
Temo as gargantas afinadas
É igual a afinação
Nós cantamos nossas modas
e não agrava os forgasão
No lugar que freqüentamos
Deixamos recordação.

III

Todas festas que nós vamos
Nossas pessoa é aceita
Pegamos nossas violas
Prá cantar modas bem feitas
Nossos versos são dobrados
Da esquerda para direita
Temos nossos peito limpos
Cantamos sem fazer careta.

IV

Não mexemos com ninguém
Para não dar o que falar
Todas as festas que nós vamos
E somente para apreciar
Mas os festeros nos convida
Nós dois para cantar
Cantamos nossas modas
E gostamos de ajudar.

V

Certas modas que cantamos
Os versos são improvisado.
Mexemos no conotti
Toeira dá um som dobrado
Meu parceiro senti alegria
Eu fico entojasmado
Corro o olho no salão
Ovindo o sapatiado.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

VI

Agora eu me despeço
Desta boa união
Mi despeço dos festeiros
e de todos que aqui estão
Pois adeus meus catireiros
Considero igual irmão
Peço discurpas os violeiros
Que é da minha obrigação.

Zé Raimundo

José Raimundo e esposa

Recortado

"Recortado... tinha diversos recortados, cantava moda, acabava de cantá, cantava um recortado"[3]. "Depois de cantada a moda, aí tinha o recorte, aí repicava a viola, nóis ia dançá, aí é que começava o recorte"[9].

"Recortado é uns verso que eles rima aquilo, atrova. É brincadeira. Às veis um qué pô um defeitinho um no ôtro. É o seguinte: todo verso que cantá tem uma parma, por isso que ele é mais adivirtido, né? Tem um recortado, eu canto um recortado, uma parma, eu canto outro verso, eles torna a bater outra..."[9]. "Vai recortando a moda cum a parma. Eles fala recortado porque o recortado é um verso, uma parma, um verso, uma parma... O povo aprecia muito o recortado"[2].

"O recortado era inventado na hora. Então, o que vem na cabeça ele canta e certinho, né? Achava graça. Às veiz tava uma muié lá, sempre tinha uma muié meio injuada, meia... a gente cantava um negócio prá ela, fazia uma apresentação prá ela e era bem feito"[3].

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

O tema abordado no recortado pode estar vinculado ao tema da moda (ex: se a moda fala em amor, o recortado fala também) ou pode ser um assunto discrepante da moda. O recortado é uma dança independente, que costuma ligar-se ao Catira como encerramento.

Meu Tempo de Peão

I

Neste Triângulo Mineiro
Eu fui condutor de gado
Viajava o dia inteiro
Chegava bem cansado
Dormia sem travesseiro
Meu sono era pesado.

II

Eu saía bem cedinho
Para viagem render
De passo e vagarinho
Até o gado obedecer
Muitas vezes viajava sozinho
Vendo o sol se esconder.

III

Conduzi diversas raças
Boi nelore era muito esperto
O cruzado fazia pirraça
O gir era mais alerto
A poeira virava fumaça
No fim tudo dava certo.

IV

*Montado em meu lumbio**
Na minha mula dourada
Enfrentava calor e frio
E dias de chuvarada
Naquelas enchentes do rio
Eu travessava com a boiada.

V

Nas horas dos apuros
Quando o gado estourava
Na colatra eu era seguro
Boi comigo não voltava
Enfrentei momentos duro
Arribada não deixava.

VII

Só um dia no cabaçal
Chapa branca eu avistei
Eu vi que era fiscal
No momento eu assustei
Permaneci no natural
Sem guia eu passei.

VIII

Minha vida de peão
Eu contei meu passado
Tive diversos patrão
Deles fui elogiado
Hoje eu trabalho em repartição
Na minha sala sossegado.

Ranulpho Borges de Moraes
- Sinhô Borges -

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Vida cantada nos versos do povo é vida-catira

"Moda e recorte eu cantava
senti a noite ser pouca".

Manoel Teles - Uberaba

"... e hoje eu canto pros meus filhos
e eles amanhã para os filhinhos seus".

Elomar - Vitória da Conquista

O dia-a-dia do povo, a história depositada nos olhos e na memória privilegiada dos cantadores de Catira chegam até nós através das palmas, do ritmo cadenciado dos pés, do som da viola e do poeta que canta, por que vive e escuta a natureza, o poeta que sabe explorar das coisas simples os mistérios, os silêncios, o homem, as tradições, o companheirismo, a saudade. Do poeta que faz do Catira não só o seu tempo de viver, o seu tempo de escutar, mas o seu tempo de contar.

Contar é viver, é dançar, é cantar o Catira. E prá contar vão desfiando e tecendo na memória

"Prá tudo tinha cachola
Recurso nunca faltou"

Manuel Rodrigues

os quadros que marcam a passagem do homem na terra em que vive.

Nada é esquecido - infância, juventude, velhice, os amigos cantadores, as festas, a traição das morenas, a mulher orgulhosa, o homem amoroso, as barraquinhas das festas de maio, guerras, filhos, terra-chão, enfim, tudo que faz parte da emoção e da força do canto que os catireiros vão passando de pai prá filho, de cidade a cidade, de tempo a tempo. Essa é sua missão e seu prazer. O Catira é sua própria juventude, o sonho, a paixão:

"Prá dançar o Catira
Bate palma e sapateia
Eu fico entusiasmado
Sinto o sangue agitado
Correndo dentro das veia".

"Pego na minha viola
- - - - - - - - - - - - - - - - -
Puxo por minha cachola
Mesmo prá fazer paixão

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Muita gente me adora
E vem me prestar atenção
Eu acabei de crer agora
Que tenho feito ilusão".

Manuel Rodrigues

A impossibilidade de dançar o Catira traz a nostalgia e a constatação de que o poeta se distancia um pouco da vida:

"Evaporou como fumaça
Toda minha ilusão".

Sinhô Borges

"Do Catira estou deixado
Mas me lembro o dia inteiro
Eu ando sempre abafado
Por não ser mais catireiro".

Antolino Batista

"Eu já fui um brincador
Que cantava antigamente
- - - - - - - - - - - - - - - - - -
Reconheço que eu estou
Hoje um pouco decadente".

Agenor Teles

"Hoje já estou decaído
Perna fraca peito roco".

Manuel Rodrigues

Mesmo o poeta sentindo-se, às vezes, fraco, o Catira se faz forte e se faz ponte. O catireiro sabe que a poesia continuará a viver no canto de seus filhos e no amanhã de seus netos e, por isso, não esmorece:

"Hoje mesmo reconheço
Que meu peito já não presta
Assim mesmo ainda me chama
E eu vou em algumas festas".

Zeca Fazendeiro

A viola é defesa, os versos captam o mundo pelos sentidos, as emoções formam imagens colhidas na simplicidade que se tornará eterna. O poeta trabalha o cultivo dessa simplicidade através de palavras que enriquecem o seu canto: os "cabelos de libra esterlina", a "menina de olhos pretos, sombrancelha

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

de retrós", a velhice que se apresenta como "flor desfolhada, pisada pela tristeza", os "dentes marfinados" da morena, "seu riso soltando guisos, os seus encantos bocejados".

Esse trabalho que

"assim a lira improvisa".

João Gregório

reúne nomes que não podem ser esquecidos - Manuel Rodrigues, Manoel Teles, Criolo, Paulo Cury, José dos Anjos, Vilmondes Borges, Pedro José Sebastião, Sinhô Borges, Agenor Teles, Zeca Fazendeiro, Herculano e outros mais.

"Com minha moda de Catira
Tenho sempre observado
Onde eu tenho cantado
No mundo certos sentido
Com isso tenho virado"

Montagem - Manuel Rodrigues

A "valença" é que temos muitos desses companheiros poetas entre nós e o ritmo de suas palmas e dos pés se misturam ao pulsar dos nossos corações, dando continuidade à cultura popular. O Catira viverá, enquanto não morrer a vontade de prosear, a arte de contar, uma viola a tocar e uma noite prá viver.

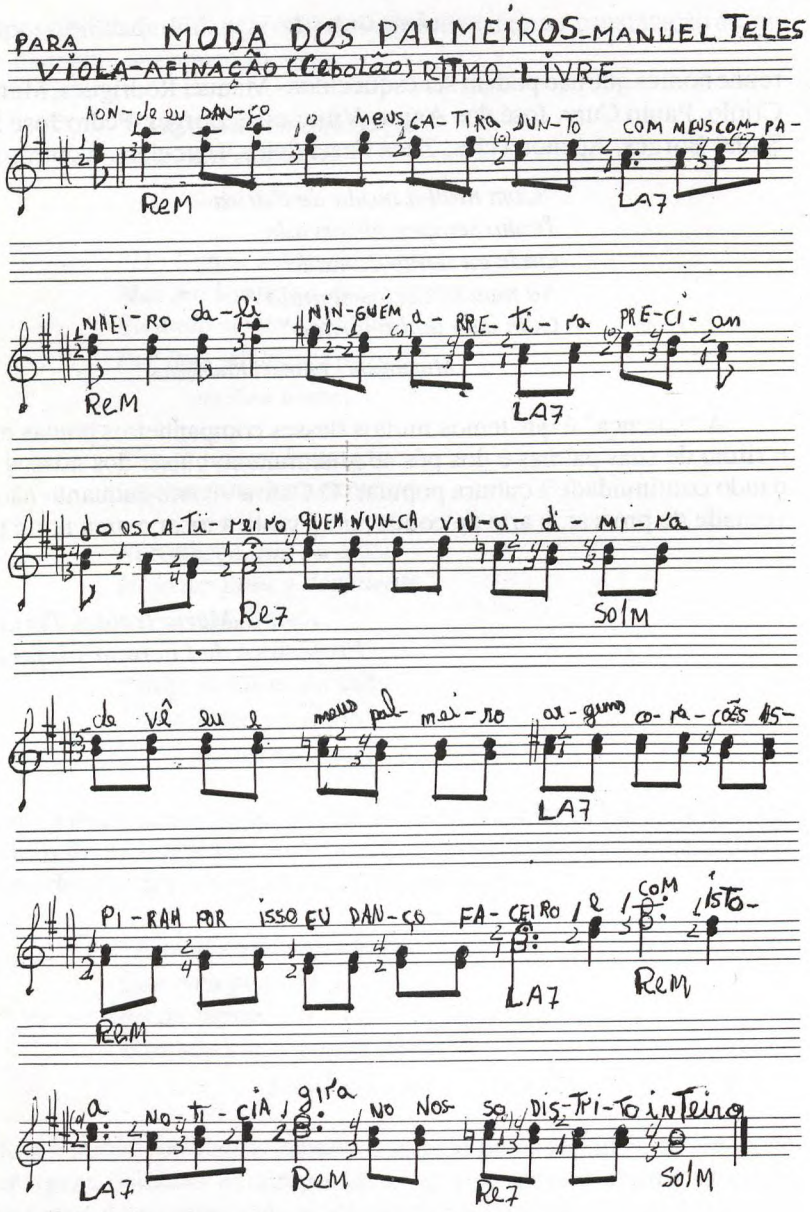
Maria Iraídes Tosta Madeira
Professora de Literatura Infanto Juvenil

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Partituras

Moda dos Palmeiro

Música e letra: Manoel Teles



Transcrição para partitura: Olegário Bandeira

Moda dos Palmeiro

I

Aonde eu danço os meu Catira
junto com meus companheiro
Dali ninguém arretira
Preciando os catireiro
Quem nunca viu admira
*De vê eu e meus palmeiro**
Argum corações aspiram
Por isso eu danço faceiro
E com isto a notícia gira
No nosso distrito inteiro.

II

Prá canta eu alevanto
Todo cheio de alegria
Por tê meus palmero pronto
Firme até no outro dia
Até aqui por enquanto
O povo nos elogia
Em todo lugar que eu canto
Eu vejo que o povo aprecia
E com certeza em todo ponto
Eu danço com regalia.

III

Alevanto prá cantá
Estão todos ali presente
Nenhum percisa chamá
Por isso eu danço contente
Vem o povo elogiá
Até aqui felizmente
De ninguém posso queixar
Que ficam todos selente?
E todos vem apreciá
É o que o meu coração sente.

IV

Dizem que eu sou elegante
Quando entro em uma sala
Por que tenho bom ajudante
É isto que o povo fala
As vozes são consoantes
Nossas modas não se fala
As viola tem som vibrante
E as palavras nóis declara
E os meus palmero são constante
Dança em qualquer escala.

V

E eu sei que não sou perfeito
E não tenho capacidade
Procuro cantar direito
com toda sinceridade
Com a viola em meus peito
eu canto e mato a sodade
Meus palmeiro satisfeito
Dançam de boa vontade.

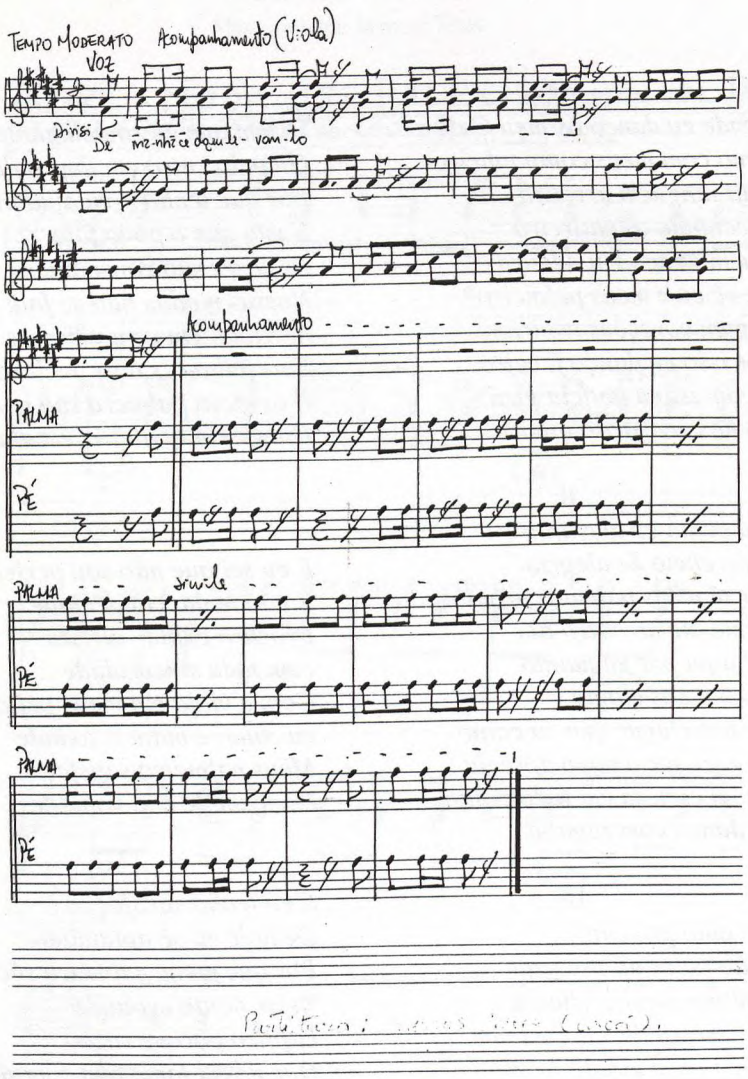
VI

E eu tenho satisfação
De hoje eu sê aplaudido
Por que meus palmeiro são
Neste ponto evoluído
Explico porque razão
Que nossa fama tem corrido
Que homens de posição
Junto com nóis tá unido
Vai meu aperto de mão
a esses parmeiro querido.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Recortado do Meu Sertão

Música e letra: Manoel Teles



Transcrição para partitura: Carlos Peres (Cacá)

Recortado do Meu Sertão

Ali no meu sertão
Quando amanhece o dia
Faço a minha obrigação
Com prazer e alegria
Tenho a minha criação
Fica numa choraria
De frente o meu portão
as galinha, os pinto pia.

De manhã cedo eu levanto
Chamo meus filhos primeiro
Meu cafezim já está pronto
Lavo o rosto no terreiro
Fecho os bezerro do campo
Sorto os porco no manguero
Dos capado escuto os ronco
Este é o meu viver faceiro.

Depois tomo o meu café
As veis vem acompanhado
Meus filho já estão de pé
Vai prá luta do pesado
Amo Deus com muita fé
Por isto estou amparado
E mais tarde, tomo mé
Com tutú apimentado.

Eu tenho meus camarada
Quando o dia eles enxerga
Passa a mão na sua enxada
E já sai cortando terra
Tenho a minha passarada
Quando canta me alegra
Tenho a minha bezerrada
Quando vê as vaca berra.

Se é dia eu saio prá roça
Vou fazer a prantação
Eu vivo nesta paioça
Mas tenho satisfação
Tenho a minha estrada torta
Mas tenho minha condução
Eu colho e puxo prá porta
Arroz, milho e feijão.

E quando chega a tardinha
Pia o inhambu chororó
No campo a codorninha
No mato pia o jaó
A perdiz alegrezinha
Põe seus, dois ovinho só
No mato jacú alinha
Nas moitas que tem cipó.

Eu tenho a minha morada
Rancho de sapé imbira
Tenho minha casa soalhada
Prá dançar só meus Catira
Tenho a viola afinada
Minhas moda caipira
Levo uma vida gozada
Provo que não é mentira.

Lá no meu Sertão saudoso
Tenho tudo que eu desejo
Tenho frango e tenho ovo
Tenho leite e tenho queijo
Tenho meu cavalinho gordo
Às tarde dou os meus cortejo
Levo uma vida de gozo
As hora passa e eu não vejo.

Tenho boas amizade
Lá co'a minha vizinhança
Trago uma felicidade
Com aviso na lembrança
Tem dia que tenho saudade
Já morreu minha esperança
Adeus Sertão de bondade
Só resta uma lembrança.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Viola de Catireiro

"Na minha viola Queluz
Eu toco sempre animado
Doze cordas sempre eu pus
Para dar o som dobrado
E meus versos sempre compus
Nos quatro cantos trovados
Hoje carrego essa cruz
De viver abandonado
Minha viola traduz
Lembrança do meu passado".

Saudade de violeiro
Manuel Rodrigues.

A viola foi trazida ao nosso país pelos portugueses permanecendo aqui entre os caipiras e sertanejos. É um instrumento parecido com o violão, sendo em geral bem menor e encordoado de maneira diferente.

A viola mais famosa tinha doze cordas e era fabricada na cidade mineira de Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete. A sua confecção era artesanal. Segundo informações obtidas no Museu Histórico da Prefeitura Municipal desta cidade, as violas mais procuradas foram produzidas no século passado por José de Souza Salgado e seus descendentes continuaram no mesmo ramo, algumas foram conservadas no museu da cidade e na residência de seus familiares como relíquias. Essa fabricação artesanal não existe mais.

A viola caipira, utilizada em nossa região, tem dez cordas agrupadas aos pares e, no braço, vinte trastos. As cordas são de aço ou de linhas de nylon, usadas na pesca. Já era popular em Uberaba no começo do século, segundo consta no "Lavoura e Comércio", nº 645, de 14 de setembro de 1905.

Viola e Catira andam juntos. Aliás, dançam juntos: um quadro de Catira é composto por dois violeiros (às vezes um) que cantam, participam da dança e dirigem os movimentos. Enquanto estão cantando os sapateadores e palmeiros permanecem parados, até a conclusão dos versos: "Eu vou falar agora: esses violeiros eram artistas, batiam papilote na viola acompanhando a palma e o sapateado, fazendo passagem, rolando no chão com a viola. O Cincinato, violeiro famoso, fazia Orozimbo e João Magro 'flutuar no ar' com seu toque de viola. Outro grande violeiro era Fernandinho. Um dos maiores tocador de papilote e passagista.

João Merenciano também com muita fama na sua região, cantava suas modas sentimentais e tinha como seu ajudante José Mateuzinho"[1].

"Eu costumo dizer o seguinte, em tom de brincadeira, quando eles acertam muito eu falo: vocês estão sapateando em cima da minha viola"[20].

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Nas manifestações e raízes da cultura popular a viola está presente, como no lundum, na folia de reis e no próprio Catira.

Como reflexo da vida, a viola manifesta a realidade camponesa, principalmente a sua "convivência dura e solidária."*Olhando para a viola vê-se o povo:

"A música e o canto do
roceiro são tristes,
chorados em falsete,
são um caldeamento de
tristeza do africano
escravizado num martírio contínuo,
do português exilado e sentimental,
do bugre perseguido e cativo.
O canto caipira comove,
despertando impressões de
senzalas e taperas".

Conversas ao Pé do Fogo
Cornélio Pires

A vida afina a viola

Para se apresentar um quadro real das várias afinações utilizadas pelos catireiros, devemos destacar a grande dificuldade das variações regionais das "modas" do Catira. Sendo assim, limitamo-nos à tradição dos violeiros que foram pesquisados:

"Uma viola pode ter vinte e cinco afinações, porque ela é o seio de todos os instrumentos. A viola vai sendo afinada de acordo com a vida. Eu faço cinco afinações: guitarrinha, guitarrão, atravessado (goiana), cebolão paulista e rio abaixo"[8].

O Sr. Wilmondes Borges aprendeu a tocar com um velho professor e utiliza a afinação mais difícil de pontear: "É a afinação paulista"[20]. Além disso, cita as afinações goiana (utilizada por Manuel Rodrigues), a rio abaixo e a natural. "A afinação paulista tem mais recurso prá ponteá e acompanhá a moda, parece que ela tá falano igual a pessoa tá cantano. A paulista é a afinação mais bonita que tem, é cruzada com os quatro dedos. A goiana é um travessão, os dedos fica atravessado e tem pouco recurso de ponteio"[1].

"Estas são afinações que melhor se adaptam ao Catira, visto que o violeiro consegue se fazer acompanhar pelos passos da dança"[22].

As fotos seguintes ilustram as posições utilizadas por Manoel Teles nas seguintes afinações:

*Cf. Brandão, Carlos Rodriguez; SACERDOTES DE VIOLA; pg. 10

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

1º Paulista

2º Paulista

3º Paulista

1º Cebolão

2º Cebolão

1º Goiana

2º Goiana

3º Goiana

"A viola é dona do Catira
O que é de raça, corre e caça"[8].

"Sem a viola não existe um Catira. Tem muita gente que tentou o violão, tentou sanfona, o acordeão, acompanhando aquele batidozinho. Mas nunca é igual, de forma nenhuma. E como o Catira é uma coisa primitiva acontece que o sujeito que começa a diversificá, ele tá prejudicando a si próprio. É Catira? Tem que ser da origem, original"[20]. Isso porque "só a viola dá aquele rítmo para os sapateadores e uma coisa depende da outra. Se você botar instrumento que não dá ritmo, os catireiros também não acertam para sapatear juntos"[20].

Essas modificações não acontecem por acaso e podem ser determinadas pelas transformações da sociedade, na qual o avanço das comunicações permite um intercâmbio maior das diferentes regiões do país e, com isso, o acesso a outros instrumentos. Porém, se no intercâmbio há o cruzamento do folclore, nas transformações há a imposição dos padrões culturais de outros países. Hoje, ao lado do desinteresse pelos ritmos da "moda" de viola há o "consumo" das

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

músicas internacionais, que refletem uma realidade diferente. A população mais jovem se afasta das raízes para assimilar esta dominação.

O sr. Nicanor Silveira retrata esta situação quando afirma:

"Tiraro a viola, puserão só conjunto pesado. Você ouve uma música deles, você não vê viola. Viola acabou". Contra tudo isso, num gesto sentimental ele propõe o ensino de viola nas escolas "porque essa simplicidade é uma beleza". Acredito que "se houver um trabalho, nós vamos voltar a ter essa beleza".

Cita a iniciativa que ainda resiste à história:

"Hoje, graças a Deus, em Uberaba lá em vai surgindo a viola (...) com o Claudionor na Fundação Cultural".

Como símbolo do folclore, a viola não desaparece porque representa a alma roceira dos trabalhadores da região. Viva no sentimento e no cotidiano da cidade é expressão da periferia, nas visitas dos foliões dos "Santos Reis". O povo carrega consigo as tradições herdadas e as manifesta nos costumes que são típicos da região.

"A viola é a rainha dos instrumentos. Foi ela quem tocô com os treis Reis Santos"[8].

Na escola de viola da Fundação Cultural a afinação Goiana é ensinada da seguinte maneira:

Instruções

"1º conjunto de cordas ..... BORDÃO
2º conjunto de cordas ..... TURINA
3º conjunto de cordas ..... REQUINTA
4º conjunto de cordas ..... TOEIRA
5º conjunto de cordas ..... CANUTIO
Cada traste representa um semi-tom"[5].

Como afinar a Viola?

Primeiro, afina-se o 5º conjunto de cordas (CANUTIO). Nota **MI**. Em seguida, prenda o 5º conjunto no 7º **traste**, e afina-se o 4º conjunto (TOEIRA). Seguindo, prenda o 4º conjunto no 4º **traste**, e afina-se o 3º conjunto (REQUINTA). Depois, prenda o 3º conjunto no 3º **traste**, e afina-se o 2º conjunto (TURINA). Finalmente, prende-se o 2º conjunto no 5º **traste**, e afina-se o 1º conjunto (BORDÃO). Esta afinação chama-se "GOIANA".

Para testar se a VIOLA está realmente bem afinada, prenda o 3º conjunto com o dedo médio no 1º **traste**, e confira a nota com o 5º conjunto solto, e prenda o 2º conjunto com o dedo anular no 2º **traste**. Depois, confira 1º conjunto solto, com 5º conjunto também solto. Aí você irá encontrar a tonalidade (ou posição) de MI MAIOR (simplificada).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Agora vamos às POSIÇÕES

DÓ MAIOR

1º - Pestana Total, com o dedo indicador, no 1º **traste**, prendendo todas as cordas. Prenda a 5ª corda (CANUTIO), com o dedo anular, no 3º **traste**. Podendo ainda, prender a 2ª corda (TURINA), também no 3º **traste**, com o mínimo.

2º - Prenda a 2ª corda no 1º **traste**, com o indicador. Prenda a 3ª corda no 2º **traste**, com o médio. Prenda a 4ª corda no 3º **traste**, com o anular. Prenda a 5ª corda, também no 3º **traste**, com o mínimo.

Outra maneira de fazer a 2º de "DÓ MAIOR": Pestana Total, com o indicador no 3º **traste**. Prenda a 3ª corda, no 4º **traste**, com o médio. Prenda a 2ª corda no 5º **traste**, com o anular. PREPARAÇÃO (DÓ 7) - Faz-se a 1ª de DÓ MAIOR, e prenda mais a 2ª corda, com o mínimo, no 4º **traste**.

3º - Pestana Total no 1º **traste**, com o indicador. Prenda a 3ª corda no 2º **traste**, com o médio. Prenda a 2ª corda no 3º **traste**, com o anular.

Estas instruções nos foram cedidas pelo professor de viola da Fundação Cultural, Claudionor Silveira.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

A Dança - Coreografia

"Num Catira de empenho é preciso estar bem trajado" .

Paulo José Cury

Precisa Vestir Bem

Manuel Rodrigues

I

Para se dançar num baile
Precisa estar competente
Mais ou menos tudo igual
Não pode estar indecente
Por aí vê um sinal
Que é dança muito imponente
Estando vestido mal
Todos ficam descontente.

II

Prá nos bailes ser querido
E não ser reparado
Precisa estar bem vestido,
No uso e bem perfumado
Os pares são escolhido
Hoje tudo está mudado
Usa dançar muito unido
Precisa estar bem trajado.

III

Eu só danço meu Catira
Sempre alegre e satisfeito
Por ser dança caipira
Eu danço de qualquer jeito.

IV

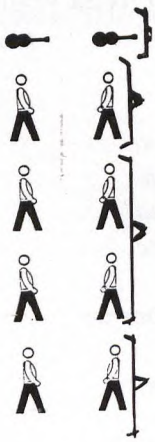
Eu conheço minha altura
Que não posso me trajar
Se for dançar é loucura
Por isso devo evitar
Vejo muitos que "aventura"
Mal vestido ir dançar
E toma descompostura
Que perde o jeito de andar.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

O Catira: coreografia

Esta é a posição básica para o Catira.

Os nomes dados às posições são as que encontramos na área pesquisada.



Violeiros

Chaveia, puxador de palma ou marcador.

Cargueiros (denominados assim em Arraial da Capelinha, Delta, cidade de Campo Florido) ou Parceiros.

Ourela* **(últimos da fila)**

Sempre um de frente para o outro.

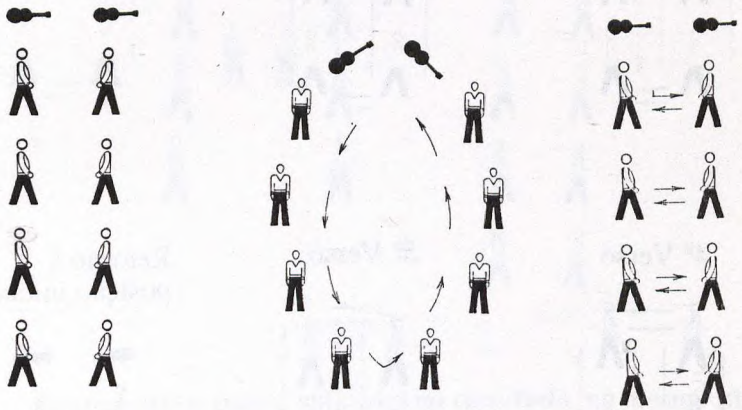
É comum ficar um ou dois no final da fila, junto à ourela, para aprender.

O número de catireiros é variável. É considerado ideal o número de oito.

Sequência do Catira dançado em Uberaba pelos grupos:
Borges, Manoel Teles e Paulo José Cury
(hoje formam um só grupo)

Posição Inicial

Primeira batida da viola para os sapateios e palmas iniciais.
Canta-se o **cabeçalho**, que é opcional.
Outras séries de sapateios e palmas.
Os sapateios, palmas e trocas de lugares dependem do marcador (puxador de palma). São variáveis.



Canta-se a **moda**. Os catireiros permanecem calados e em silêncio para ouvir.

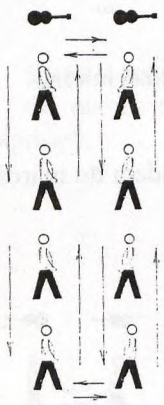
Antes do **suspendimento da moda**, violeiros e catireiros rodam em cumprimento à platéia, sapateando e palmeando ao mesmo tempo. Voltam aos lugares. Faz-se o **travesseio**, com sapateios e palmas. Voltam ao lugar e cantam o último verso da moda.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

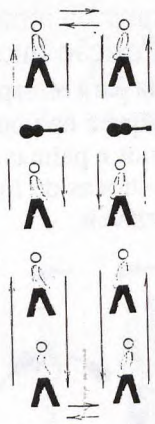
Recortado

Cada verso entrelaçando as fileiras até seu final.

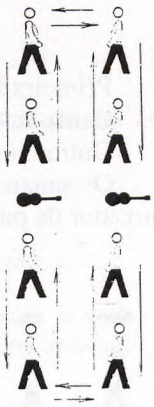
1º Verso



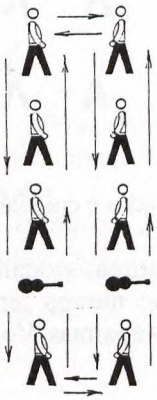
2º Verso



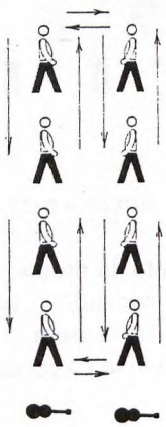
3º Verso



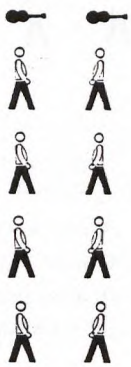
4º Verso



5º Verso



Retorno à posição inicial

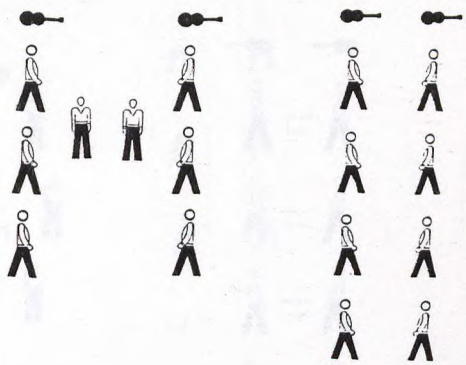


BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Recortado

Entremeio: um par faz evoluções ao centro, com palmas e sapateados de todos. Quando retornam aos lugares, os que estavam ao centro batem palmas enquanto sapateiam.

Voltam à posição inicial e terminam.



Existem vários passos aplicados no **recortado**, no mesmo rítmo:

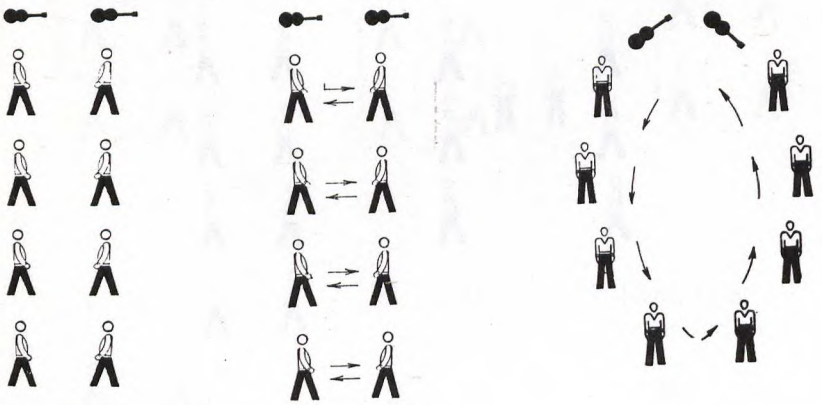
1) Normal
2) Mexicano: arrasta o pé para trás.
3) Ensaboado*: esfrega o pé no chão em círculo.
4) Zeca dos Anjos: palma bem repicada e contínua.
5) Entremeio.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Variação do Catira dançado em Ponte Alta, por Santinho Souto Melo

Primeira batida da viola para sapateados e palmas iniciais (chamada Palmerama)

Canta-se a moda na posição inicial, os catireiros parados, em silêncio para ouvir.



No sapateado existem muitas variações. Troca-se de lugar ficando de frente.

Depois da **moda**, vem a **moda de remate** (como o suspendimento*). Em seguida faz-se o círculo que gira sapateando e palmeando. Volta-se a posição inicial.

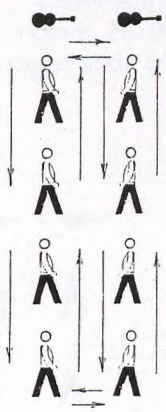
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Recortado

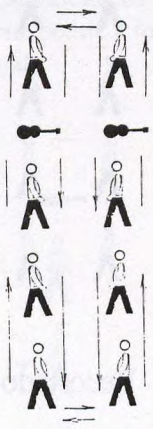
Cada verso entrelaçando as fileiras até seu final.

Alguns cantam recortado (o Manuelzinho Rodrigues cantava sempre).

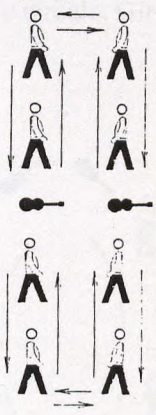
1º Verso



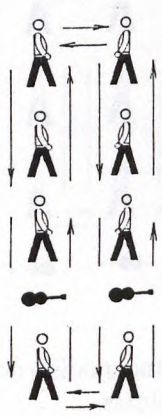
2º Verso



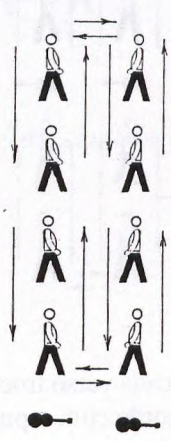
3º Verso



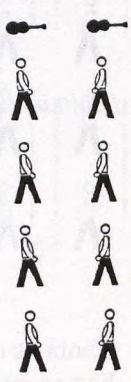
4º Verso



5º Verso



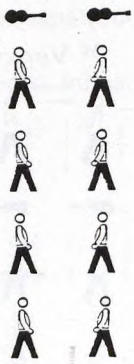
Retorno à posição inicial



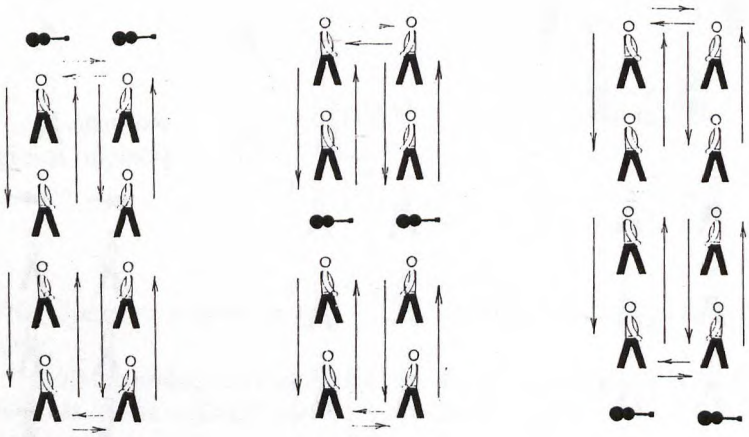
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Variação do Catira dançado por Sr. Narciso Antônio de Oliveira, na Capelinha do Barreiro

Primeira batida da viola para o sapateio e palmas iniciais.



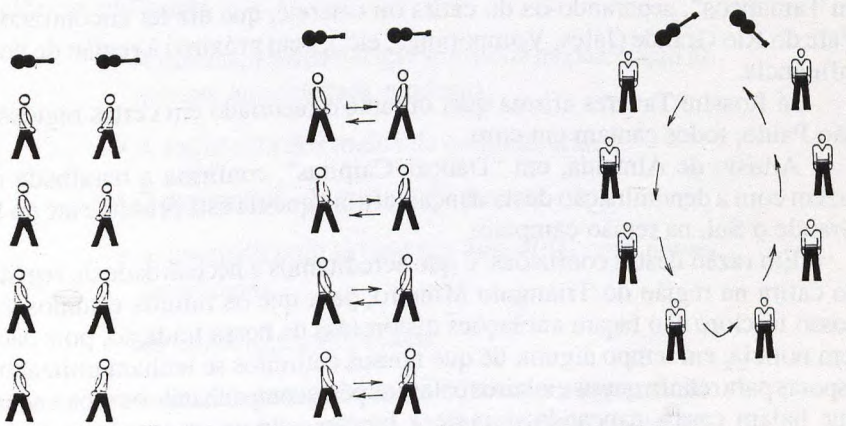
Recortado



Canta-se o **recortado**, cada verso trocando-se de lugar dois a dois. Faz-se evoluções de acordo com o puxador de palmas.

Moda

Canta-se a moda na posição inicial, os catireiros parados em silêncio para ouvir. No último verso "suspende a moda" e faz-se o círculo. Gira-se sapateando e batendo palmas.



Volta-se a posição inicial e canta-se o último verso da moda.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

No passado os Catiras faziam-se sem preocupação com a indumentária e dançava-se mesmo descalço. É comum ver-se hoje camisas xadrez como "uniforme", numa clara influência do "country" americano.

Encontramos no suplemento do Jornal da Manhã, de 1º/10/78, artigo sob o título "Registros para o Futuro", de Gilberto Rezende, com importantes notas sobre a dança que transcrevemos na íntegra:

"O Catira é uma tradição pouco pesquisada, apesar de seu caráter nacional. Folclorista de renome como Alceu Maynard de Araújo, registra-o também com o nome de "Xiba", enquanto outro folclorista, José Ribeiro, afirma que "Chiba" é uma dança em que homens de tamancos, acompanhados de mulheres sem tamancos, formam um roda, na qual, internamente, os casais se revezam, animados por uma viola, enquanto sapateam e cantam versos. Maynard afirma, também, que o Catira em parte de São Paulo e Paraná é dançado com grandes esporas chilenas.

Laura Della Mônica, todavia, faz referências a regiões próximas às pesquisadas por Maynard, classificando os sapateados e palmeados executados ao som de violas, dançados somente por homens, como "Fandangos de Chilenas ou Tamancos", separando-os do catira ou cateretê, que diz ter encontrado no Vale do Rio Grande (Jales, Votuporanga, etc.), bem próximo à região de nossa influência.

Já Rossini Tavares afirma que, durante o recortado em certas regiões de São Paulo, todos cantam em coro.

Aluísio de Almeida, em "Danças Caipiras", confirma a baralhada que fazem com a denominação desta dança e afirma que ela está presente até no Rio Grande o Sul, na região campeira.

Em razão destas confusões, é que acreditamos a necessidade de registros do catira na região do Triângulo Mineiro, para que os futuros estudiosos de nosso folclore não façam anotações distorcidas de nossa tradição, pois não se tem notícia, em tempo algum, de que nossos catireiros se tenham utilizado de esporas para retinir; que os violeiros batam os pés, acompanhando os sapateadores; que hajam casais dançando durante a função; que os sapateadores tenham cantado em coro acompanhando os violeiros, ou que os homens de nossa zona rural se tenham utilizado, em alguma época, de tamancos para dançar o catira.

Na oportunidade em que se abordam aspectos da vida no Triângulo, cremos serem oportunos estes registros, antes que o tempo os apague de memória de todos. Antes que os grupos autênticos desapareçam. Antes que a evolução elimine os indícios de origem de uma das mais belas tradições de nossa terra"[22].

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Considerações Finais

"Fica a certeza de que não há cultura autônoma a ser procurada, que esteja fora do campo das forças da relação poder/dominação".

Déa Fenelon
O Historiador e a Cultura Popular.
Revista História e Perspectivas,
nº 06, UFU.

Se constatamos o declínio e desaparecimento progressivo desta manifestação cultural, podemos buscar no questionamento das estruturas vigentes, a análise e explicação do que constituem hoje, desafios à esta e às manifestações folclóricas em geral:

- A mudança essencial que se produz na percepção de tempo, na sociedade moderna;
- A influência dos meios de comunicação;
- O predomínio da cultura de massa;
- A intensificação do avanço industrial com novas tecnologias;
- As mudanças econômicas;
- A alta do custo de vida que dificulta a sustentação das festas (alimentação, indumentária e instrumentos musicais);
- Fenômenos sociais como o êxodo rural que provoca a ruptura com a tradição.

Listados alguns desafios, vamos nos deter na análise e explicação do primeiro citado e dos três seguintes, simultaneamente.

A mudança essencial que se produziu na percepção de tempo: o tempo de uma economia dominada pelos ritmos agrários, sem pressas, sem preocupação de exatidão, sem inquietações de produtividade (tempo da natureza) substituído e transfigurado pelo tempo da sujeição, tempo útil do patrão, tempo disciplinar, tempo de trabalho com tempo marcado. A introjeção dessa nova representação de tempo, essa mudança da maneira pela qual a sociedade percebe o tempo, assinala uma profunda transformação no modo de cultura de toda a sociedade.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

A industrialização, iniciada na Europa há mais de duzentos anos, nada deixaria à margem do seu processo de expansão; principalmente o campo da cultura popular.

Não foram apenas os bens materiais que passaram a ser produzidos em série (padronizados) por máquinas e para um grande número de consumidores. Também os aspectos da cultura passaram a receber um tratameto industrial. Passaram a ser vistos pelos interesses capitalistas como outras (e novas) possibilidades de lucro, sendo por isso também tratados segundo as regras do mercado.

Com a efetivação da sociedade de consumo e com os avanços tecnológicos no setor dos meios de comunicação, a indústria cultural se expandiu. Ao conjunto da produção da indústria cultural dá-se o nome de "cultura de massa" (que não dever ser absolutamente identificada com cultura popular).

Neste campo da indústria cultural há um predomínio da influência americana. Esta influência é compacta, presente e diária. Basta observar nas marcas de roupas, veículos, eletrodomésticos, nos dizeres das camisetas, cigarros, nas músicas de FMs, nos filmes, programas de TV, em brinquedos, etc.

Enquanto realizávamos esta pesquisa vivenciamos situações várias que comprovam esta invasão cultural. Os exemplos abaixos ilustram a presença americana, também na esfera de bens não materiais como conhecimentos, crenças, sistema de valores e expressão de sentimentos, até na zona rural e entre ciganos:

- Em Ponte Alta, os alunos da Escola Municipal estavam entusiasmadíssimos, se preparando para a apresentação de uma "quadrilha country".

- Em Delta, ao indagarmos a um grupo de jovens sobre o Catira, eles se surpreenderam; pois nunca ouviram falar. Disseram-nos, que apreciavam mesmo era o "break"... "Michael Jackson"...

- Em Uberaba, no acampamento cigano, Valdeci, de quinze anos, citou sua preferência: "balanço", "break", "country", "funk"...

Este modo de agir e pensar da juventude é o reflexo de um processo de invasão cultural que estamos sofrendo há cerca de meio século. Trata-se de uma invasão "teleguiada", que mesmo sem a presença do invasor, esta faz chegar até nós seus produtos culturais. A TV foi lenta e gradualmente contribuindo para que isto acontecesse.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

"A TV é a maior culpada" (dona Sinhá, Patrimônio dos Poncianos)

Convém lembrar que ao problematizar e/ou relativizar o declínio e desaparecimento do Catira aos condicionantes aqui citados, não tivemos a pretensão de concluir serem estes, os únicos. Os desafios aqui citados são fundamentais e, em hipótese alguma, podem ser negligenciados. Os próprios catireiros entrevistados fazem referências a estes fatores. Mas, sabemos que, a eles se contrapõem outros tipos de explicações.

É inegável, entretanto, que com o crescimento da sociedade industrial, a extinção progressiva do Catira, enquanto manifestação cultural espontânea venha ocorrendo. Isto porque o avanço cada vez mais intenso das relações sociais e industriais engendra também o avanço da indústria cultural.

Porém, não significa que obrigatoriamente a cultura que identifica a nossa maneira de ser tenha que ser destruída. Pode ser que a força da cultura do povo possa construir uma sociedade em que nossos valores estejam presentes.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Glossário

Arreda: Designa ordem para alguém se afastar.

Banzante: Meditativo, triste, nostálgico.

Carneiro: Máquina para elevar água, acionada pela própria água; carneiro hidráulico.

Casa de Pau-a-Pique: Parede feita de ripas ou varas entre cruzadas e barro.

Chatanoga: Pronúncia regional da marca americana dos primeiros arados de disco usados no Brasil

Destão: Dez tostões, refere-se à antiga moeda brasileira, de níquel, que valia cem réis.

Dores de Campo Formoso: Atual cidade de Campo Florido Até 1939 era distrito do município de Uberaba.

Escova: Passo do Catira que consiste de sapateado e arrastar os pés no chão.

Fonção: Forma popular de função.

Função: Popular "fonção". Festa, solenidade. Festa de Catira.

Furquia: Pau ou tronco bifurcado que em pé serve para amparar travessas nas construções ou toldas.

Fuzuê: Festa ou função. Denomina também um folclore.

Lumbio: Mesmo que lombilho. O aparo que substitue nos arreios a sela comum, o selim e o serigote.

Monjolo: Engenho tosco, movido à água, usado para pilar milho e, primitivamente para descascar café.

Ourela: São os dois últimos dançadores nas filas que compõem o grupo do Catira.

Palmeiro: O puxador de palmas.

Suaré: Curruptela de "soire", palavra francesa que significa festa.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Suspendimento: É a mudança de tom e a parada antes dos dois últimos versos da moda. Neste período, entra sapateio, palma ou a roda.

Traição: O ritual da madrugada, feito em surpresa, com que uma turma de trabalhadores de mutirão avisa ao morador a quem oferece o serviço da sua chegada inesperada. Também era usado para denominar a interrupção da má execução da viola durante a moda. O incomodado ficava ao lado do violeiro, batendo palmas até que ele parasse de tocar, tomando-lhe a viola. Dizia-se também "por uma tala na viola do outro"[30].

Trapizonga: Máquina rústica de madeira formada de 1 eixo, movida a roda d'água que serve para socar cereais em vários pilões ao mesmo tempo.

Tulha: Grande arca usada para guardar cereais, popularmente chamada de tuia.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Listagem de Entrevistados

1. Nome: Ranulfo Borges Morais (Sinhô Borges) - idade - 74
   Natural: Uberaba
   Profissão: Boiadeiro - Aposentado da Prefeitura Municipal de Uberaba

2. Nome: Manuel Teles da Silva - Idade - 76
   Natural: Santa Rosa de Lima
   Profissão: Lavrador e atualmente mestre de obras, violeiro

3. Nome: Joaquim Rodrigues da Costa (Juca Juá) - Idade - 72
   Natural: Campo Florido
   Profissão: Lavrador, vaqueiro, violeiro

4. Nome: Plínio Bento Moreira - Idade - 60
   Natural: Conceição das Alagoas
   Profissão: Celeiro, violeiro

5. Nome: Claudionor da Silveira
   Natural: Ponte Alta
   Profissão: Vendedor e professor de viola na Fundação Cultural de Uberaba, violeiro

6. Nome: Narciso Antônio de Oliveira - Idade - 70
   Natural: Uberaba (Fazenda dos Moreira), residente no Arraial da Capelinha
   Profissão: Trabalhador Rural, violeiro

7. Nome: Roberto Araújo
   Natural e residente no Arraial da Capelinha
   Profissão: Operário Aposentado

8. Nome: José dos Anjos (Zeca dos Anjos) - Idade - 84
   Natural: Uberaba (Fazenda Marajó)
   Profissão: Lavrador e Pedreiro, violeiro, aposentado

9. Nome: José (Zezinho)
   Natural e residente no Arraial da Capelinha
   Profissão: Lavrador

10. Nome: Santinho Souto Melo - Idade - 88
    Natural: Conquista
    Profissão: Pequeno proprietário

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

11. Nome: Isautina Maciel de Melo
Natural: Ponte Alta

12. Nome: Osvaldo Fernandes - Idade - 36
Natural: Distrito da Baixa
Profissão: Lavrador

13. Nome: José Dias - Idade - 77
Natural: Itapira, residente em Uberaba
Profissão: Aposentado da Mogiana

14. Nome: Paulo José Cury (Paulinho Leiteiro)
Natural: Uberaba
Profissão: Sitiante

15. Nome: Waldemar Rodrigues (Sr. Lico)
Natural: Distrito da Baixa
Profissão: Lavrador aposentado

16.Nome: João Couto - Idade - 75
Natural: Campo Florido
Profissão: Lavrador, violeiro

17. Nome: Luzia Fernandes
Natural: Distrito da Baixa

18. Nome: Amélio Messias dos Santos
Natural: Campo Florido
Profissão: Lavrador, violeiro

19. Nome: Paulo Ferreira de Melo - Idade - 51
Natural: Capelinha do Barreiro
Profissão: Lavrador

20. Nome: Vilmondes Borges Cruvinel
Natural: Uberaba
Profissão: Fazendeiro, violeiro

21. Nome:Ambrozina Rocha de Oliveira
Natural: Capelinha do Barreiro
Profissão: Costureira

22. Nome: Gilberto Andrade Rezende - Idade - 60
Natural: Uberaba
Profissão: Empresário, pesquisador do Catira

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

23. Nome: Nicanor Silveira
Natural: Ponte Alta
Profissão: Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberaba, violeiro

24. Nome: Maria de Souza - Idade - 78
Natural: Rio Verde, residente em Uberaba

25. Nome: Alcides Fernandes - Idade - 81
Natural: Monte Alegre - Cigano
Profissão: Lavrador

26. Nome: Valdeci
Natural: Santa Vitória, cigano

27. Nome: José Correia (Zé Criolo) - Idade - 56
Natural: Uberaba
Profissão: Mestre de Obras

28. Nome: José Raimundo - Idade - 77
Natural: Uberaba
Profissão: Camioneiro aposentado, violeiro

29. Nome: Francisco Abrão de Souza - Idade - 89
Natural: Tapira, residente em Peirópolis
Profissão: Vaqueiro

30. Nome: Duglescina Souza Moreira (Dona Sinhá) - Idade - 85
Natural: Patrimônio dos Poncianos

31. Nome: Maria de Souza - Idade - 71
Natural: Goiânia, residente em Uberaba

32. Nome: Jair Gomides - Idade - 57
Natural: Patrimônio dos Poncianos
Profissão: Funcionário da Prefeitura Municipal de Conceição das Alagoas

33. Nome: Pedro Paulo de Oliveira -
Natural: Tapira, residente em Delta
Profissão: Motorista

34. Nome: João Batista de Oliveira (Goiaba) - Idade - 53
Natural: Pitangui, residente em Delta
Profissão: Lavrador, violeiro

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

35. Nome: Domingos Gomes Seabra - Idade - 89
Natural: Uberaba
Profissão: Lavrador aposentado, violeiro

36. Nome: Onorina Ribeiro de Carvalho - Idade - 63
Filha de João Emerenciano de Carvalho
Natural: Uberaba

37. Nome: Lázaro Marques da Silva - Idade - 59
Natural: Peirópolis
Profissão: Pecuarista

38. Nome: Alcides Borges - Idade - 79
Natural: Santa Rosa
Profissão: Lavrador

39. Nome: Juarez Rodrigues da Cunha - Idade - 63
Filho de Manuel Rodrigues da Cunha
Natural: Uberaba, residente em São Paulo

40. Nome: José Maria da Silva - Idade - 61
Natural: Morro do Ferro (Belo Horizonte), residente em Uberaba
Profissão: Pedreiro

41. Nome: Olavo Alves de Souza - Idade - 76
Natural: Ituverava, residente em Uberaba
Profissão: Guarda Noturno, violeiro

42. Nome: Geraldo Quirino de Souza (Toninho)
Natural: Uberaba
Profissão: Radialista, Ferroviário (aposentado), violeiro

43. Nome: Erwin Pülher
Profissão: Professor, Inspetor de Ensino (aposentado),
Pesquisador de folclore.

44. Nome: Maria de Fátima Ribeiro Cury - Idade - 21
Natural: Uberaba

45. Nome: Laudelina Paula Toledo - Idade - 65
Natural: Igarapava, residente em Delta

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

46. Nome: Pedro de Paulo Toledo - Idade - 70
Natural: Igarapava, residente em Delta
Profissão: Motorista aposentado

47. Nome: Randolfo Borges - Idade - 74
Natural: Uberaba
Profissão: Médico

48. Nome: Ambrozina Rocha de Oliveira - Idade - 68
Natural: Uberaba, residente no Arraial da Capelinha

49. Nome: Pedro Paulino - Idade - 86
Natural: Uberaba, residente em Delta
Profissão: Lavrador aposentado

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Bibliografia

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1982.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdortes de Viola**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes,1980.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Editora Ouro, 1972.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1977.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **Danças Folclóricas Brasileiras**. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Danças - Recreação - Música**. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

CASCUDO, Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

SANTOS, José Luís dos. **O que é Cultura**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

TEIXEIRA, Josć A. **Folklore Goiano**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.

ALMEIDA, Renato. **Folclore**. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1976.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do senso comum a consciência filosófica**. São Paulo, Cortez Editora, 1984.

MOTA, Carlos Guilherme (org.) **Febvre**. São Paulo, Ática, 1978.

CORRÊA, Roberto Nunes. **Viola Caipira**. Brasília, Editora Musimed, 1983.

ALVES, Júlia Falivene. **A Invasão Cultural Norte Americana**. São Paulo, Editora Moderna, 1988.

JEUDY, Henri Pierre. **Memórias do Social**. Tradução de Márcia Cavalcanti, Rio de Janeiro, Forense Universitário, 1990.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. **A Pesquisa em História**. São Paulo, Ática, 1989.

LEAL, Oscar. **Viagem às Terras Goyanas (Brasil Central)**. Goiânia, UFG Editora, 1980.

MARTINS, Saul. **Folclore: Teoria e Método**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1986.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE - **Ministério da Educação e Cultura**. Rio de Janeiro, 1962.

HISTÓRIA E PERSPECTIVA. Universidade Federal de Uberlândia, nº 6, 1992.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo, Marco Zera Editora, 1987.

BOLETIM DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE, nº 11, 1987.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

"Já dei gosto muita gente
E tive gosto passageiro
Os meus verso era presente
Oferta de violeiro
O resto do meu sucesso
Ofereço hoje esses verso
O presente derradeiro".

Recordar
Manuel Rodrigues

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Foto: Odilon Araújo e Milton Campos
Publicação da Cemig - 1984

Neste Triângulo Mineiro
(. . .)
viajava o dia inteiro
enfrentei momentos duro
(. . .)
Eu falava com Deus Nossa Senhora
Por estas estradas a fora.

Sinhô Borges

Arquivo Público de Uberaba

UBERABA
PREFEITURA DA CIDADE

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS